



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA**

REBECA GARCIA FELICISSIMO

SIMBOLISMOS, RITUAIS FÚNEBRES E ARQUEOLOGIA DA MORTE

**LARANJEIRAS
2018**

REBECA GARCIA FELICISSIMO

SIMBOLISMOS, RITUAIS FÚNEBRES E ARQUEOLOGIA DA MORTE

Trabalho de conclusão de curso
submetido ao Departamento de
Arqueologia (DARQ) da
Universidade Federal de Sergipe
como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do
título de Bacharela em
Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Olívia
Alexandre de Carvalho

**LARANJEIRAS
2018**

*Todos são importantes, pois todos e tudo que aqui estão no mundo são *interligados, e todos são dependentes de todos; porque somos irmãos!!!*

O Postinho do Jardim – Carlos Sérgio Felicissimo

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final de mais uma jornada, agradeço primeiramente a Deus que sempre guiou meus caminhos e nunca me deixou na mão. Aos meus pais Carlos e Edilene que sempre apoiaram as minhas loucuras e sempre nos ensinaram (eu e minha irmã) a seguir nossos sonhos e o principal sermos felizes no que escolhemos fazer, independente do que for a sempre se divertir na realização de algo, a minha irmã mais velha Sarah que ao longo desses anos sempre junto de mim nos momentos tristes e dando força para aguentar, afinal morar em outro Estado sem sua família, não é fácil no começo e depois se torna menos difícil. Aos meus tios Rinaldo e Edson e as minhas tias Sônia e Camila por sempre fazerem a festa quando voltava para a casa, seus apoios e força não tem preço. As minhas avós Margarida e Reny que sempre rezaram por mim e mesmo triste a cada partida, nunca deixaram de dar aquele abraço, beijo e mandarem eu ter juízo.

Aos meus amigos Vinícius Solera, Filipe Costa, Adriano Ferreira, Renato Mattos, Felipe Nascimento, Luana Armelin e Andrey Wallace que durante esses quatro anos fizeram parte de várias histórias e que de suas formas loucas sempre alegraram meus dias e principalmente ao Ivo Moreira que nesta etapa final foi um anjo lendo e criticando meu trabalho para que saísse ao legal e diferente e por último a Anne Caroline que sempre me trazia para o chão quando começava a voar demais e puxava minhas orelhas de vez em quando para focar e escrever tcc e é claro a minha orientadora Olívia que confiou e me deixou livre para escrever este trabalho da forma que eu queria, claro que com correções fortes e excelentes pontuações para melhorar sempre, topou me ajudar a desenvolver algo diferente e nas crises, me mantendo calma e dizendo para ficar tranquila e aos poucos tudo foi se modelando e sendo direcionado para esta versão final.

Ao meu avô Antônio Garcia a quem dedico este trabalho e o motivo pelo qual abordei este tema, sei o quanto tinha orgulho e adorava ter uma neta que seria arqueóloga. Sempre tinha uma ferramenta ou outra para construirmos juntos meu kit de arqueologia. Nos deixou cedo demais e não poderei mostra-lo meu diploma ou contar os lugares que visitei trabalhando, mas sei que não importa onde esteja, estará sempre junto de mim.

RESUMO

A morte faz parte da vida e traz consigo as formas de preparo do corpo, rituais, simbologias e as diversas formas de se lidar com a partida. No presente trabalho de conclusão de curso, buscamos desconstruir que a Arqueologia só trabalha com o passado e que pode sim trabalhar com a atualidade. De forma diferente, divertida e junto com outras áreas do conhecimento trataremos de todo esse combo fúnebre desenvolvendo um passo-a-passo a partir da última estrutura física que permanece: o túmulo. Mas, falaremos ao longo do texto também sobre morte, fotografia, memória, beleza, arqueologia, entre outros. Com uma linguagem simples e não muito técnica/acadêmica, apresentaremos uma leitura tranquila, visual e porque não emocional.

Palavras-chave: Arqueologia da Morte; Ritual funerário, Simbologia e Práticas de preparo.

ABSTRACT

Death is part of life and brings with it, the body's forms of preparation, rituals, symbologies and the various ways of dealing with the loss. In this work, we seek to deconstruct the concept that Archeology only works with the past, trying to show it can work with the present time. In a different and fun way, working together with other areas of knowledge, we will treat all this funeral combination, developing step-by-step, from the last physical structure that remains: the tomb. Furthermore, we will speak to throughout the text about death, photography, memory, beauty, archeology, among others. With a simple, not very technical/ academic language, we present a quiet, a visual and why not emotional reading.

Keywords: Archeology of Death; Funeral Ritual, Symbology and Practices of preparation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Velório de uma criança (anjinho)	19
Imagem 02: Fotografia mortuária do tipo Último Sono	21
Imagem 03: Crianças mortas	21
Imagem 04: Fotografia mortuária do tipo Vivo, embora morto	22
Imagem 05: Fotografia mortuária do tipo Vivo, embora morto	23
Imagem 06: Fotografia mortuária do tipo Morto, como morto	23
Imagem 07: Sepultura familiar da década de 50	49
Imagem 08: Todas as sepulturas possuem mais de uma pessoa enterrada	51
Imagem 09: Sepultura familiar atualmente	52
Imagem 10: Do túmulo à memória	54
Imagem 11: Cemitério tumular	55
Imagem 12: Cemitério jardim	56

SUMÁRIO

Introdução	09
Primeira parte: percepções sobre a morte	13
1.1. Um <i>click</i> diferente	17
1.2. A beleza por trás da partida	24
Segunda parte: nem tudo o que se vê pode ser o que parece	26
Terceira parte: do túmulo à memória	35
3.1. O passo-a-passo	38
Finalizando	58
Referências bibliográficas	61

Introdução

Antes de tudo, a proposta para este trabalho de conclusão de curso foge da tradicionalidade, pois visamos a propagação de conhecimento a todas as pessoas. Por isso, não pretendemos limitar os leitores trazendo texto meramente técnico, cheio de jargões da área e palavras difíceis. Nesse sentido, teremos a linguagem científica necessária, através das bibliografias utilizadas, e a linguagem coloquial, mais simples e de fácil compreensão, para que qualquer pessoa, seja do âmbito acadêmico, profissional ou não, possa ler, visualizar, compreender, opinar, interagir e refletir ao vislumbrar os pensamentos e concepções transcritos nesta monografia. Quaisquer termos ou palavras mais específicas e técnicas serão explicadas entre parênteses ou em notas de rodapés. Sem mais delongas, comecemos.

Nossa jornada percorrerá um tema aparentemente pouco atraente e apreciado pela maioria das pessoas; não por ser exclusivamente algo ruim ou negativo (tentativa de reflexão ampla), mas sim por ser um grande mistério que desde nosso nascimento convivemos lado a lado até chegar o fatal momento. Caros leitores, juntem-se a esta empreita e vamos explorar de forma diferente os mistérios dessa companheira de viagem que se apresenta enquanto “MORTE”.

Será que a mesma força que nos dá a vida é a que nos tira? Refletir sobre isso dá um “nó no cérebro”, afinal somos condicionados a acreditar no que é concreto, o famoso “só acredito vendo”. Se pararmos, de verdade, para ponderar sobre a morte, aceitar que ela é real e que um dia não mais estaremos aqui, é certo que muitas pessoas entrariam em desespero; talvez eu, inclusive. Por quê? Simples: cada um tem sua crença do que pode acontecer depois que seu corpo físico for parar a sete palmos do chão; alguns podem acreditar em céu, purgatório, inferno; outros, que a energia dissipada volta para o universo, em reencarnação, ou mesmo em nada disso: morreu, acabou e ponto final.

Nas últimas semanas, perseverante e inquiridora, até um pouco chata, insisto em saber o que meus parentes e amigos pensam sobre a morte. De forma indireta, forço-os a refletirem sobre o tema e a trazer para suas realidades; questiono suas posições, visando entendimento e reflexões sobre esse assunto considerado um tabu social. É nítido certo desconforto e o encerramento da conversa é rápida; não se disponibiliza brechas para diálogo mais prolongado, provavelmente, devido ao fato que é um gatilho para lembranças dolorosas, via de regra, causando momentos de comoção (choros, saudades etc.). Por vezes, relembra a dura realidade da ausência de entes queridos entre nós, como se houvesse repetição da sensibilidade de outrora, "supostamente superada". Nada fácil.

Caminhando para o lado da Arqueologia, um dos outros motivos para este tema de trabalho é desconstruir que trabalhamos apenas com objetos e pessoas do passado e que a atualidade está longe de ser interpretada, bem como desmistificar que é somente escavação. Não, não é! Vamos além. A busca pelo conhecimento abrange diversas linhas de pesquisas em diversas áreas. Um arqueólogo sozinho não monta um contexto, pois precisa de ajuda para construir hipóteses e pensamentos.

Essa temática trabalhada de forma diferente veio com o intuito de atravessar um momento pessoal e compreender através de toda a ritualística, simbolismo e arqueologia as formas de lidar com a morte. O trabalho todo tem seu coração baseado no acontecimento do dia 14/05/2018 e veio sendo moldado desde então até a data final de entrega.

Quatorze de maio de dois mil e dezoito – 05 horas e 23 minutos

O que era para ser mais uma segunda-feira comum, acabara tornando-se um dia turbulento, não por muitos afazeres, mas sim, por muitos sentimentos e emoções. Iniciou-se com um pequeno telefonema no final da madrugada, no momento em que ouvi o celular tocando com meu novo *ringtone* e vi estampado na tela “Mãe”; a priori, abri aquele olho mais fechado que aberto e pensei: “A mãe deve ter apertado o botão sem querer” e voltei a dormir. Porém, para meu desespero, alguns segundos depois, uma

nova ligação. Levantei-me assustada. Não era engano. Algo tinha acontecido. A vontade de chorar já era grande antes mesmo de atender a ligação e aqueles segundos anteriores ao apertar do botão verde pareciam uma eternidade. Assim que atendo e falo: “Mi?! Mi?!” (é como chamo minha mãe de forma carinhosa), escuto a voz de minha irmã mais velha falando: “É a Tá, Beca”. Sinto meu sangue gelar na hora. Mas minha grande irmã tenta em sua voz controlada dizer: “O vô Antônio morreu, Beca!”. Só consegui pronunciar um: “Como assim?” e a ligação que era via WhatsApp começou a reconectar, para minha aflição e ódio; saí da tela de ligação e fui ligar para a minha irmã da forma convencional e ela me ligando via WhatsApp e eu ignorando. Disquei seu número e para minha surpresa meu pai quem atendeu. “Bom dia, Fazinha! Tudo bem?”. Meu pai é o melhor; eu somente respondi: “Ahhh! Tudo, né!?”. Disse que minha irmã havia me ligado e contado sobre o meu avô. Papai, sempre muito categórico, contou-me que meu vôzinho havia morrido dormindo e que ontem, dia das mães, eles comemoraram à noite; ele jantou e foi dormir tranquilo e assim permaneceu...

Irônico esse acontecimento, em se tratando da temática deste trabalho de conclusão de curso. Claro que já discuti a relação com o “Cara lá de cima”, fiquei brava, com ódio, porque ainda não era a sua hora; pelo menos não para mim. Então, decidi usar esse misto de sentimentos e trazê-los para esta folha em branco do Word, que de pouco a pouco vai se enchendo de palavras.

Ah, meu avô! Que homem maravilhoso, tranquilo; nada o abalava, era a serenidade em pessoa, sempre com seu radinho de pilha e um jogo de palavras cruzadas, sudoku e seus derivados. Sentava no banquinho em baixo do pé de gabioba, lá em nosso quintal e ficava o dia todo. Às vezes, ia cuidar do jardim, de suas plantações ou fugir da minha avó. Sempre tinha uma piada para contar e como ria gostoso. Toda a tarde fazia um cafezinho para nós e quando eu estava na cidade, sempre me perguntava como ia a faculdade, se eu estava gostando e tinha o maior orgulho em me ajudar a montar meu *kit* de ferramentas para usar nas minhas escavações. A maioria

do pouco que tenho hoje, veio dele. Minhas colheres, minha trena e afins. Lembro dele chegando e me entregando: “Comprei para você”.

É difícil distinguir e analisar nossas emoções, pois é um turbilhão de oscilações entre boas e ruins, porém, parafraseando minha irmã: “Tô triste, mas feliz que ele não sofreu e teve a morte mais linda de todas”. A cada frase, lágrimas saltavam de meus olhos, fazendo meu rosto brilhar e eu pensar se ainda seria capaz de continuar com o desenvolvimento deste tema em particular. Afinal, já seria difícil tentar ser imparcial, agora se tornou quase impossível.

Concluindo, esclareço que noPrimeiro Capítulo será trabalhado as fases da morte/luto, as fotografias mortuárias e uma forma de perceber a morte como algo bom; no Segundo, veremos as formas que a Arqueologia trata e estuda a morte; já no Terceiro capítulo foi feito um estudo de caso, trazendo um passo a passo de todo o processo ritual dentro do catolicismo.

Sejam bem-vindos!

” Sem texto não há contexto e sem contexto não se produz texto algum. “

Carlos Sergio Felicissimo

Primeira parte: Percepções sobre a morte

Tudo o que está vivo um dia vai morrer, independente do que for, seja gente, bicho ou planta. A morte faz parte da vida e cada um de nós, de alguma forma, vamos ter de lidar com isso. Podemos falar muito sobre ela, mas sempre o tanto do que não conseguimos dizer vai ser muito maior do que o tanto que sabemos (LANFRANCO; PETRONILHO; EGGERS, 2014).

Em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível imaginar um fim real para nossa vida na terra, se é que a vida tem um fim (KUBLER-ROSS, 2008). Nós, ao longo dos tempos, temos uma necessidade em negociar com a morte, no sentido de diminuir a angustia dessa ausência/presença, ruptura/continuidade, promoção/destruição que é o morrer (BELLATO e CARVALHO, 2005). Faz parte da nossa natureza tentar achar um jeitinho para conseguirmos estender nossa estadia terrena como a conhecemos, afinal: Quem quer morrer? Dessa forma podemos compreender melhor os cinco estágios da morte que Elisabeth Kubler-Ross aponta em seu livro de 2008 *Sobre a morte e o morrer*, na qual a autora trabalha com pacientes terminais e convive com eles em seus últimos momentos, escutando seus lamentos, suas histórias de vida, seus arrependimentos, agonias e frustrações, ajudando-os em sua jornada final.

1º Negação – Quando sabemos que alguém muito próximo ou nós mesmos vamos morrer, não existe uma aceitação logo de cara, muito pelo contrário, negamos até a morte que isso está acontecendo. O mesmo pensamento vale para quem perdeu alguém recentemente, ignorando o fato de sua morte, o clássico: “Não consigo acreditar que fulano de tal morreu, não é possível”, como se isso tivesse ocorrido em um Universo paralelo, não admissível em nossa realidade.

2º Raiva – Ficamos bravos com todo mundo, principalmente com os caras lá de cima ou lá debaixo, a depender do que você acreditar. A culpa é de todos;

dos médicos que não sabem o que fazem, da família que não cuidou direito ou do hospital que não tem estrutura."Porque cicrano teve que morrer, era muito cedo!?". O pensamento racional e lógico não está presente nesse momento, pois vivenciamos nosso lado emocional, sensível e porque não vulnerável!?

3º Barganha – É a hora de negociar com o Universo, com a Dona Morte ou com qualquer divindade disponível a fim de prolongar mais o tempo nesse plano; é a jogada final, o momento do *all in*¹. Quem nunca fez promessas do tipo: "Serei uma pessoa melhor", "Vou ajudar as pessoas carentes", "Sei que nunca pedi nada, mas...", "Vou para Aparecida do Norte a pé", bem como a tentativa de usar a própria crença: "Sempre fui um bom cristão", "Ia na missa todos os domingos". Poderia ficar dando exemplos o dia todo, mas acho que deu para entender a ideia: tudo vale a essa altura.

4º Depressão – Bate aquela tristeza, os arrependimentos, o "Não estou pronto para morrer ainda", "Tenho tanto que viver", "Deveria ter aproveitado mais", "Perdi tanto tempo com besteiras", "Deveria ter sido/feito ...". Podemos ficar introspectivos, abatidos, sem esperanças, sem querer ver ninguém.

5º Aceitação – Está na hora de ir ou de deixar a pessoa partir. Ficar em paz com seu coração e se entregar de braços abertos para a nossa temida ceifadora, que passa a ser sua companheira no final dessa trajetória.

Um fato interessante ocorrido na família Felicissimo, em conversa com a única filha de meu avô paterno João, enquanto tomávamos um café na cozinha, comentei sobre o que estava escrevendo em meu trabalho final e citei os cinco estágios da morte. Minha tia que cuidou até o final de meu avô, contou-me que ela mesma havia experienciado esses estágios e que ao final, segundo ela, quando meu avô, um homem que amava a vida, mas há anos já estava acometido por uma doença terminal, finalmente aceitou sua partida em seu coração, permitiu-se ser levado e acredito que morreu feliz, pois estava cercado daqueles que fizeram sua vida longa e a melhor de todas.

¹ Momento no jogo de cartas em que o jogador aposta todas as fichas.

Para aqueles que ficam pode levar muito tempo para seu coração aceitar também, afinal, a vida continua e a ausência será uma companheira constante (Comunicação oral, Sônia Felicissimo Betti, junho, 2018).

Essas cinco situações podem ser vistas de forma simples nessas duas animações:<https://www.youtube.com/watch?v=U5eWnr43uZk>² e <https://www.youtube.com/watch?v=5mejhMHg10M>³. A morte ainda é considerada um tabu em pleno século XXI, pois está associada a sentimentos de dor, sofrimento, separação e perda (TAMADA et al., 2017). Vislumbrar como uma passagem bonita, boa, um novo recomeço ou mesmo como a continuação, um capítulo 2, é difícil, devido ao fato de vivermos o hoje, o agora e a morte não se encaixa nessa perspectiva. Não é comum e não pertence a nós. Doce ilusão, mas nos ajuda a viver.

Falar sobre a morte não está no *top five* de assuntos prazerosos, mas deveria. Porém, preferimos deixar para lá o conhecimento da sua existência e apenas lembramos que está ali, quando algum conhecido, amigo ou membro da família faz a travessia final. Engraçado que criamos em nossas mentes formas de abrandar o sentir da partida; por exemplo: se alguém está muito doente e sofrendo, de certa maneira pensamos que a morte seria algo bom, um descanso merecido. Sabemos que o sofrimento mata psicologicamente várias vezes o ser e a morte biológica parece ser a salvação, tomando um sentido positivo pelo alívio concedido (MAIA, 2014). Se a pessoa for idosa, dizemos que viveu bem e que cumpriu seu papel aqui na Terra e é usado a famosa frase *cliché*: “Foi melhor assim”. Por esse lado, a morte não é ruim e sim benéfica. Como todos os seres vivos marcados pela temporalidade da vida, lutamos contra a ideia de finitude, sendo que temos buscado o alívio possível para o paradoxo existencial que se apresenta frente ao dualismo vida e morte (BELLATO e CARVALHO, 2005).

Usando casos extremos, como as tragédias que acompanhamos pela mídia na boate Kiss, em Santa Maria-RS, em 2013; a queda do avião da delegação da Chapecoense que seguia para Medellín na Colômbia, em 2016;

² Acessado em 01 de junho de 2018.

³ Acessado em 06 de agosto de 2018.

a morte da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro, em 2018, entre outras, causam um sentimento de indignação, irritação, incompreensão, para dizer o mínimo, levando assim a outro “olhar” sobre a misteriosa ceifadora de vidas. É inadmissível aceitarmos fatos assim, vidas tão jovens sendo perdidas de forma tão violenta e cruel, gerando revolta. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento horrível, a algo que em si clama por recompensa ou castigo (KUBLER-ROSS, 2008). Não existe um pensamento racional de que “era a hora”. Claro que não! Existe um ciclo: nascemos, crescemos, envelhecemos e, só então, morremos, que não fora respeitado. A imagem da morte tem acompanhado o existir humano desde seu alvorecer, abrindo enorme vazio diante da vida, representado por um aterrorizante não-ser inominável (BELLATO e CARVALHO, 2005).

Identificar as ideias, as emoções e expressões que o fato da morte provoca em cada sociedade/comunidade/grupo, em cada tempo e em cada lugar é de grande valia para compreender a relação que temos com ela, porque envolve fatores religiosos, culturais, sociais e principalmente pessoais. Sabemos que as experiências da morte variam bastante. Afinal, se sofremos muito quando alguém morre, se temos medo dos mortos ou se evitamos pensar que vamos morrer também, tudo isso mostra o quanto estamos mergulhados nas histórias sobre a morte que as pessoas com quem convivemos nos contaram. Por isso que entender o sentido que cada grupo de pessoas dá para a morte, nos ajuda a refletir sobre como elas pensam a vida (DIAS et al., 2008; LANFRANCO; PETRONILHO; EGGERS, 2014; e TAMADA et al., 2017).

O ser humano sempre teve efetivamente dois tipos de morte: uma biológica, que representa o fim do organismo humano; e uma morte social, que representa o fim da identidade social do indivíduo (BELLATO e CARVALHO, 2005). Salientamos que a morte social, apenas retira o indivíduo daquele convívio, mas não exclui o mais importante, que são as memórias que permanecem vivas dentro de nós.

Enxergar a morte do outro é bem menos dolorosa, pois o vínculo é diferente, o que não nos faz ficarmos menos tristes pela perda, mas acaba

sendo algo de rápida superação. Ficamos lamentosos, confortamos a família e as pessoas mais próximas, a depender da crença de cada um, fazemos uma oração, uma homenagem, uma despedida particular em nossos corações para o falecido, isto é, cada qual com sua forma de dizer Adeus. Não importa quem seja, continua sendo uma violação à vida cotidiana, uma ruptura, um interdito, uma reafirmação de que a prosperidade do coletivo está ameaçada (DE SOUZA, 2009).

Em nossa atualidade, a sociedade não se sente muito confortável em tratar de temáticas sobre a morte, apenas alguns "loucos" se sentem atraídos pelo desconhecido e os mistérios que a circundam ou, então, assistiram muitos filmes de terror/suspense durante a vida, tiveram uma fase gótica na adolescência e achavam que pular o muro do cemitério para beber vinho em cima de algum túmulo, contar histórias de fantasmas, ler poemas depressivos e contos de Edgar Allan Poe, os faziam ser os senhores da noite e adoradores da Morte, não esquecendo também sobre bandas de metal que falavam em suas letras sobre esse momento. Esse tipo de morte retratada acima é um tipo mais figurativo, pois a morte biológica, como nos fala Borges (2013), desencadeia uma série de manifestações e sentimentos socialmente compartilhados que não se insere no dia-a-dia nosso, é algo esporádico (AQUI, POR EXEMPLO, TERIA QUE CONSTAR (BORGES, 2013:20). SACOU??).

Através de nossas experiências sabemos que a morte como materialidade marca o fim de uma existência. É o momento em que a pessoa toma consciência de si e, mediante ao falecimento do outro, compreende a finitude da vida (OMENA; FUNARI, 2017).

1.1 Um *click* diferente

Existem várias formas de perpetuar o registro da morte de alguém, um tipo de materialidade que com o devido cuidado, poderá se perdurar e manter a lembrança da pessoa de geração em geração. Quando tratamos sobre fotografias de defuntos, nós ocidentais contemporâneos, muitas vezes

não compreendemos e achamos algo bizarro, estranho, mórbido e reprovável esse ato, mas nem sempre foi assim.

De acordo com Souza (2009) e Blume (2013), no final do século XIX e início do XX com o advento da fotografia no Brasil, os fotógrafos começaram a produzir imagens com temáticas diversas como retratos de pessoas, paisagens e também aconteceu o fenômeno das fotografias mortuárias, como o próprio nome revela, eram tiradas fotos dos mortos antes de enterrar, normalmente durante o velório. A mesma se referia a todos os tipos de fotos realizadas após a morte de alguém, incluindo as que são encomendadas pelos familiares, as que se utilizam nos veículos de comunicação e as imagens forenses (BORGES, 2013). Através dessa prática, podemos ver uma boa relação entre homem e morte, sendo que esse registro fotográfico preservava/congelava a imagem do falecido para a posteridade, retendo a face da boa morte e ao mesmo tempo eternizando o momento do luto, ajudando a quem sabe reduzir a dor da perda (SOUZA, 2009; BLUME, 2013 e BORGES, 2013).

Devemos ressaltar também como nos fala Silva (2018), que as fotografias agem como registros visuais correspondentes a uma pequeníssima fração de segundo da realidade, devendo ser encarada como um espelho, se tornando possível enxergar diversas facetas do real, mas nunca a própria realidade. Em nosso caso, uma imagem mortuária jamais poderá nos revelar a dor real da perda da família, apenas como dito, um pequeno vislumbre de uma situação muitas vezes triste. A imagem 01, retrata alguns dos momentos que uma fotografia mortuária poderia capturar. A tristeza no semblante do senhor em pé ao lado da pequena criança prestando seu respeito. Mortes de bebês e crianças são difíceis de aceitar devido à pouca caminhada que fizeram em vida, o cuidado com a forma de colocar o corpo para ver velado, mostrando um bebê dormindo tranquilo e calmo, suas vestes brancas e alegres com estrelas bordadas em toda sua extensão.

As pessoas adultas mais ao fundo esperando possivelmente sua vez e dando espaço e privacidade ao senhor que poderia ser alguém muito

próximo da criança, senão o pai e outro ponto que chama a atenção são outras crianças próximas, mostrando que a morte não era um tabu como nos dias atuais, sendo muito difícil encontrar alguém muito novo em um velório. Segundo Alfonso e Araújo (2017) as crianças são capazes de elaborar e processar as situações de luto de diversas formas e também aos reflexos emocionais que a morte de alguém lhes causam. É mais difícil um adulto explicar a morte à uma criança do que ela entender seu significado.



Imagem 01: Velório de uma criança (anjinho). **Crédito:** Chichico Alkmim. **Fonte:** Coleção Chichico Alkmim – Instituto Moreira Salles. In: http://fotografia.ims.com.br/IMS/dynamiclink.aspx?query=ChichicoAlkmim&encoding=utf-8#1528727267863_2⁴

Era um pedido estranho, mas, comum entre as famílias e seu uso se associava mais uma vez ao processo de luto, sendo assim o fotógrafo poderia utilizar-se de inúmeros arranjos de luz, poses e diversos atributos a fim de embelezar o morto e a cena (BORGES, 2013). Acontecia muitas vezes de o falecido não ter tirado uma foto em vida e por isso algumas famílias queriam o registro para lembrarem de como a pessoa era, afinal, a imagem é também uma forma de construção e manutenção de memórias. Se pegarmos nossos álbuns de quando éramos crianças por exemplo, as fotos atuam como

⁴ Acessado em 11 de julho de 2018.

gatilhos e muitas vezes podemos voltar àquela época e vivenciar sensações boas ou ruins que aquela simples foto nos trouxe.

Uma imagem não é simplesmente uma imagem, é a captura de um momento em uma determinada época, mostrando os costumes, tradições e as aceitações sociais, possuem também sentimentos, vida, memórias, sendo que é particular de cada um à sua representação. Como diz Blume (2013, p.12). “A fotografia é a materialização da memória [...]”

Um outro aspecto era a organização da cena para o retrato fúnebre, que evidenciava a estética do cadáver que foi e é importante até os dias atuais, mesmo que a pessoa já não esteja aqui, o cuidado com corpo é essencial. Além de caracterizar a morte, com uma face tranquila e bela, era considerada uma prova de que a alma se encontrava em paz no reino dos céus (BLUME, 2013). Recordo-me da frase que minha irmã⁵ usou em conversa via WhatsApp quando nosso avô materno morreu. “Mas ele tá tranquilo, tá bonito, coloquei uma camisa verde que ele ficava lindo.” O estar bonito para seu próprio velório é importante tanto para a família, quanto para quem morreu, independente da época. Quem gostaria de ser enterrado de qualquer jeito? Acreditamos que ninguém, não importando a condição social e financeira. O descanso final deve ser feito com honra e dignidade.

Dentre as diversas fotos mortuárias do século XIX, podemos destacar três estilos: dois que ‘negam a morte’ e a terceira da morte como ela é. Portanto, temos a representação do “Último sono” nas imagens 02 e 03 que apresentam o morto como se estivesse apenas dormindo.

⁵Sarah Garcia Felicissimo, 14 de maio de 2018.



Imagem 02: Fotografia mortuária do tipo Último Sono. Século XIX. **Fonte:** BORGES, 2008 e 2013.

Notamos uma tranquilidade no rosto da criança, uma calma, como se realmente estivesse dormindo, suas vestes brancas representando a serenidade, a inocência e a pureza. As flores ao seu redor deixando mais bonito seu local de descanso, o lençol cobrindo parte do seu corpo e as mãos em pose de oração com um terço, como se tivesse terminado de fazer sua oração para o anjo da guarda protetor. Toda essa cena por mais que é nítido que esse anjinho está morto, a forma como foi trabalhada para a família na época, retrata o sono eterno e sua boa morte (BORGES, 2008 e 2013).

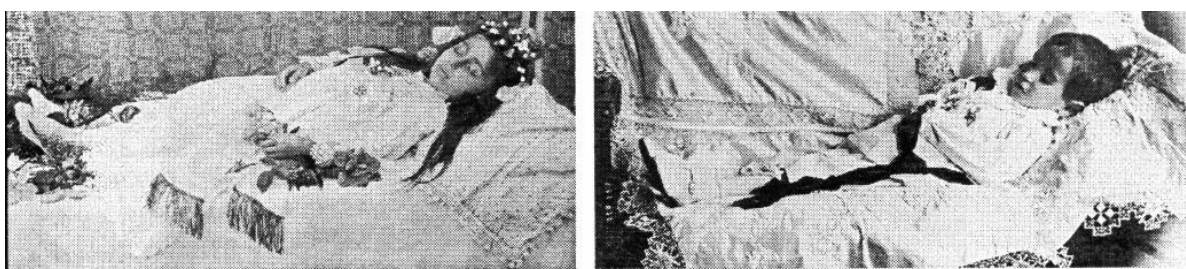


Imagem 03: Crianças mortas. **Fonte:** DEL GUERRA, p. 29, 2001.

‘A inocência no olhar de uma criança’ é um ditado válido, mesmo na presença da morte, a ternura e pureza são capturadas e imortalizadas pelas imagens registradas de uma lente fotográfica. Através de materialidades assim, ajudam os profissionais a construírem os contextos de uma sociedade

não muito distante da nossa que tinham a morte como algo próximo e normal.

Já no segundo estilo “Vivo, embora morto” imagem 04, a pessoa muitas vezes nunca tinha tido um retrato, nesse caso a família, para sua própria recordação, pedia ao fotógrafo para fazê-lo. Existiam certas estratégias para que os olhos ficassem abertos, como utilizar uma colherinha de café para abri-los, pintar os olhos abertos na fotografia após a fixação da imagem, ou caso, o mesmo já tivesse fotos anteriores em vida, era efetuado retoques nos retratos em que os olhos já estivessem abertos (BORGES, 2008 e 2013).



Imagem 04: Fotografia mortuária do tipo Vivo, embora morto. Século XIX. **Fonte:** BORGES, 2008.

Nessa imagem observamos que a criança está com vestes brancas, sapatos e cabelo bem penteado, demonstrando zelo e cuidado em seu preparo, foi colocada sentada apoiada pelo braço da poltrona e por uma almofada como se estivesse viva esperando por alguém com o semblante tranquilo. Já na imagem 05, retratando uma outra pessoa com os olhos abertos, até parece que é uma foto comum, em que se está viva.



Imagem 05: Fotografia mortuária do tipo Vivo, embora morto. Século XIX. **Fonte:** BORGES, 2008 e 2013.

E por último o estilo “Morto, como morto” que persiste até meados do século XX. Existindo elementos que mostram a realidade nua e crua, como visto na imagem 06 a seguir. Os componentes da cena, exibem um caixão (urna funerária) com forro branco com uma criança de vestes da mesma cor, deitada com os braços levemente dobrados chegando a cintura, novamente a feição calma e inocente e no segundo plano há construções tumulares e atrás do caixão parece ser uma cova aberta, muito provável da própria criancinha.



Imagem 06: Fotografia mortuária do tipo Morto, como morto. Século XIX. **Fonte:** BORGES, 2008 e 2013.

A morte é um dos pouco fenômenos que ainda nos confrontam como aponta Alfonso e Araújo (2017) com a finitude. Sem dúvida ela detém o

poder daquilo que é irrevogável ou imutável. Em uma sociedade na qual a perda do corpo jovem é protelada ao máximo, esse confronto se torna algo ameaçador, fazendo com que esse assunto seja tratado como um tabu e não de forma natural como tantos outros assuntos do cotidiano. A frase famosa do poeta Horácio (65-8 a.C) ⁶, ‘*carpe diem*’ revela que ao usada em nosso contexto atual, a morte não está nos planos de ninguém, todo mundo quer é aproveitar e viver a vida ao máximo.

1.2 A Beleza por trás da partida

Ainda que nos seja caro os sentimentos que envolvam e rodeiem a morte, na realidade, parece-nos que o verdadeiro ressentimento volta-se à carência da presença dos que partiram, ou seja, o que em verdade nos magoa é a ausência do relacionamento que se finda.

Todavia, há de se ter relatividade na interpretação dos sentimentos, pois que nada na existência humana é de todo mal ou de todo bem, de todo ruim ou de todo bom – sim, em todas as circunstâncias sempre haverá aspectos negativos e positivos. Nesta linha de raciocínio, tentemos repensar e remodelar os sintomas originais da morte em seus reflexos sobre a despedida definitiva.

Positivamente, a morte bem poderia ser observada como a vitória sobre uma competição iniciada no nascimento. Assim como a consagração de uma meta pretendida. Imagine se pudéssemos suprir as carências humanas com a visão real dos fatos – talvez, atingíssemos o ápice da alegria na comemoração do vencedor que ultrapassou a barreira dos mundos, sem extinguir os resquícios de seus triunfos vividos – assim poderíamos enxergar. Ou, ainda, imaginemos a esperança depositada na viagem de alguém que nos é importante na busca de novos objetivos e projetos em mudanças que o leve para longe de nosso convívio por longos anos, sem a anulação da expectativa de nos encontrarmos em desfrute de suas conquistas que estão

⁶Um dos escritores mais ativos em Roma durante o período final da República e que em diversas passagens de suas obras revelava o modo pelo qual os romanos concebiam as transformações do sistema político originadas pelas guerras civis, com a consequente substituição do regime republicano pelo regime monárquico de governo. Ver mais em Silva (2001).

por vir e futuras – assim também o poderia ser a análise da morte, o que nos causaria certo alento e conforto que até nos poderia conduzir a alegria da partilha do sonho futuro do reencontro. É uma maneira bem mais alegre de se aceitar e compreender o pódio final desse campeonato.

Pois veja como a morte também pode refletir alegrias e contentamentos se nos posicionássemos de maneira diversa aos costumes cultuados. Sim, a morte representa também a alegria da vitória almejada no começo de uma trajetória. Sim, a morte é antes de tudo o espelho da coragem refletida nos exemplos vividos presenteados nos legados deixados. Sim, a morte é acima de tudo e de toda crença o troféu do vencedor que jamais se desviara de encarar os desafios da vida – a morte é o brinde do atingimento pretendido quando se inicia a vida – sem joguetes ou charadas – a morte é o ouro que não observam os tolos e a riqueza que enobrece as lembranças plantadas no cotidiano – a morte é simples estampa da vitória a qualquer tempo – sem reflexos temporais em sua atemporalidade.

Presente maior ofertado pela morte é a eterna saudade plantada nos corações como sementes que relevam e valorizam a vida – sim, pois que a morte deveria ser enxergada e sentida como o mais belo reflexo da vida em trajetória vitoriosa que espelha os exemplos e lições dadas e aprendidas. Como aponta Silva (2005, p.25), “a Morte é uma transição, uma etapa dentro de um longo caminho de transições. O momento da morte não está relacionado somente a ideia de pós vida, mas também a processos do viver, crescer e gerar descendentes”.

E, pessoalmente, temos este privilégio de usufruir da ‘rica’ saudade que nos traz sempre as boas e alegres lembranças de nossos avôs e tios que nos deixaram importantíssimos legados de como desfrutar da vida em sua plenitude.

“Os rituais funerários se inspiram nas crenças religiosas, e as tumbas refletem o estatuto social do defunto.”

Raphaël De Filippo

Segunda parte: Nem tudo o que se vê pode ser o que parece.

Quando adentramos na universidade e conhecemos o que o curso escolhido nos fala, a primeira informação foi: a Arqueologia é o estudo da humanidade através da cultura material deixada para trás e sua relação com o meio, ou seja, os estudos eram mais focados nas sociedades passadas pré-coloniais e coloniais. No Brasil o pré-colonial compreende ao período em que o país não fora descoberto, isto é, a pré-história e o colonial, o momento em que os colonizadores chegaram. De acordo com a definição dada, a priori remete a algo bruto, técnico, concreto, óbvio, deixando de lado outras formas de se contextualizar. Mas, a Arqueologia é bem mais do que isso, seu leque vai além. Como dizia o ex-professor José Roberto Pellini em suas aulas: “Não existem verdades absolutas”.

Com a Arqueologia, notamos que a materialidade e a imaterialidade estão conectadas no tempo e espaço, sejam sociedade antigas ou recentes, o concreto e o intocável possuem significados e se complementa, o melhor exemplo sobre isso, encontraremos aqui, nas práticas e nos rituais funerários.

Não é todo mundo que consegue olhar além do físico e do óbvio, mas existem uns poucos que irão expandir a mente e explorar o lado invisível do concreto. Como nos fala Pellini (2015, p.4) “entre nós humanos, não há nada mais básico do que nossa relação sensorial com as materialidades do mundo [...]”, pois tudo a nossa volta é uma experiência sensorial, só não paramos para sentir isso, nos falta muitas vezes essa sensibilidade.

Conforme Alfonso e Araújo (2017), a arqueologia estuda diferentes temporalidades e os mais variados significados dado a morte nos seus diversos contextos culturais, podendo assim, diminuir a dificuldade que se tem em abordar a morte e o morrer nos mais distintos contextos sociais,

inclusive, com as crianças⁷. Aproveitando esse ensejo e completando com as palavras de Ribeiro (2007).

[...] a Arqueologia estuda os remanescentes das práticas que envolveram a morte, o funeral, os restos materiais dos atos que foram praticados no destino escolhido para o corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias (RIBEIRO, 2007, p.19).

O início desse termo ‘Arqueologia da Morte’, se deu a partir da década de 70, sendo primeiramente utilizado na Inglaterra e nos Estados Unidos e depois espalhado por diversos países. Na França os termos “archéologie des cemitières” ou “archéologie funéraire” estavam presentes até 1982 mas já em 1983 temos o início do uso da “archéologie de la mort”, na Itália, a recorrência para este campo de estudo era “archeologia della morte” como o ramo da Arqueologia que estuda a relação da morte nos mais variados aspectos (RIBEIRO, 2007).

A morte em si, não é um fenômeno físico ou humano e sim o término de algo ou como apresentado no primeiro capítulo a vitória de uma competição iniciada ao nascimento. A Arqueologia através da materialidade e da imaterialidade (os sentidos), tentará entender as práticas que envolviam a morte, como o funeral, os restos que permaneceram do destino para o corpo, a simbologia por trás dos atos de inumação. Essa terminologia “Arqueologia da Morte”, acaba sendo mais generalista.

Ribeiro (2007) propõem o termo “Arqueologia das Práticas Funerárias” por ser mais abrangente e preciso para o objeto de estudo e que não existe uma centralização na morte, na causa ou circunstância da mesma, mas sim, práticas que envolvem a morte, o enterramento e todos os elementos associados (SILVA, 2013). Enquanto pesquisadores a depender da temporalidade estudada, não temos como saber exatamente do que a pessoa

⁷ No artigo de Alfonso e Araújo (2018), um dos pontos fala sobre a dificuldade que os adultos têm em falar sobre questões da morte com as crianças, achando que os estão poupando de sentirem dor, mas as crianças sabem lidar com esses sentimentos de perda e luto. As autoras apontam exemplos como situações em que um bichinho de estimação ou um outro animal qualquer morre, a criança percebe que ele passa de um estado animado para o inanimado, que aos poucos seus movimentos deixam de existir. Essas diferenças são perceptíveis para as crianças e são lidadas com uma capacidade diferente das de um adulto, mas nem por isso elas não sabem o que está acontecendo, pelo contrário.

morreu, usando a tecnologia a nosso favor e outras áreas como a Arqueobotânica, Bioarqueologia, Tanatologia e outras, podemos supor e hipotetizar possíveis causas para sua morte e mesmo assim muitas vezes não é possível determinar.

De acordo com os dicionários online a palavra **ritual significa:** Reunião das ações, das práticas, dos ritos que compõem uma cerimônia, religiosa ou não. Livro ou documento que registra o modo como essas práticas devem ser executadas. Reunião das normas preestabelecidas que precisam ser respeitadas numa ação solene; cerimonial. Cerimônia religiosa. Que está relacionado com ritos, práticas religiosas. De acordo com um rito ou parecido com este: hábito ritual (www.dicio.com.br; www.michaelis.uol.com.br; www.aulete.com.br).

Não importa a época, a sociedade, o grupo e a religião. Sempre foi feito esse tipo de cerimônia para prestar os respeitos finais independentemente do que a pessoa representou em vida. Segundo Py-Daniel (2014, p.158), “todas as sociedades humanas têm encontrado maneiras diferentes de simbolizar o evento da morte”. E não será diferente no futuro.

Falar de morte é falar sobre a vida, porque ao analisar a morte e o seu tratamento funerário, estudamos o comportamento dos vivos e não o comportamento dos mortos (RIBEIRO, 2002). Essa arqueologia voltada para o mundo funerário, não é somente a análise de ossos ou artefatos associados a quem já morreu (PY-DANIEL, 2014). Se for só isso, esquecemos o ator principal. Quem está ali sendo sepultado também possui “voz”, foi alguém que teve uma expressão e uma representatividade em vida, pode ter feito ou não a diferença nas vidas de quem conviveu, mas a sua existência gerou memória nos que ficaram.

Entenda da seguinte maneira: quando Py-Daniel (2014) nos fala “não é somente a análise de ossos ou artefatos associados” não é contabilizar quantas sepulturas, formas de deposição do corpo, quantos indivíduos, quantos adornos existem, essa quantificação faz parte do processo, mas não é só isso, existem os saberes dos por quês, os bastidores da contextualização

que nos guiará a entender quem eram, o que faziam, qual a sua importância para aquele meio, caso exista alguma, qual a função desses adornos e o que simbolizam. É tentar visualizar e vivenciar *in loco* esse momento para assim poder dar vida as palavras e narrar o que na concepção de cada pesquisador poderia ter acontecido. Lembrando sempre que todas as fontes de referências são importantes, sejam escritas ou verbais. Devemos ter embasamento antes de sair escrevendo.

Para Silva (2005) entre a morte e a crença na imortalidade existe propriamente uma área sombria e terrível: a do funeral. Podemos incluir também que o tratamento dos mortos e de todo o funeral, de acordo com Py-Daniel (2014), são influenciados pelos códigos sociais que são partilhados dentro de uma sociedade. Como diria Diogo Costa:

Não há nada mais vivo do que uma arqueologia da morte, e nem nada mais humano do que tentar mortalizar o intangível. A arqueologia como ciência que estuda o palpável, procura através dos vestígios e contextos reter o que é temporário. É nesta luta, portanto entre o que vai e o que fica que o arqueólogo tenta chegar ao passado, mesmo estando eternamente preso ao seu presente. (COSTA, 2012, p. 01).

A vida continua de geração em geração e, em muitas sociedades, é essa continuidade que é lembrada nos rituais funerários, assim como as presenças das reações emocionais e das associações simbólicas vinculadas à morte (SILVA, 2005). Todo ritual por mais maravilhoso que seja, ao final sempre deixará sua marca que essa sim é imortal e jamais será esquecida: A saudade de quem se fora.

Segundo Souza (2010), quando aborda um dos pensamentos de Binford (1971), em sua tese de doutorado. Nos revela que, as práticas mortuárias podem ser divididas em três categorias, que, por sua vez, dividem-se cada uma em três outros aspectos, sendo assim. A primeira corresponde ao tratamento dado ao corpo, a segunda é identificada os aspectos que compõem a constituição da sepultura do cadáver e a terceira, aos objetos que são depositados com o corpo, chamados de mobiliário funerário. Cada etapa é dividida da seguinte forma:

- 1) Tratamento do corpo – a) preparação do corpo: lavagem, higienização e exposição; b) tipo de tratamento: cremação, inumação⁸, mumificação, mutilação e c) tipos de deposição: local onde o cadáver será depositado, ou seja, em um túmulo, em um rio, em uma floresta etc.
- 2) Local de deposição do corpo – a) forma, não excluindo o tamanho, material utilizado na construção do túmulo, detalhes arquitetônicos etc.; b) orientação: se está associado a pontos de referências como ângulos dos solstícios, pontos cardinais etc. e c) localização do contexto funerário: relação do local de assentamento, se foi na própria residência ou em áreas exclusivas para enterrar alguém, como no caso dos cemitérios.
- 3) Mobiliário funerário – a) forma dos objetos depositados; b) quantidade desses objetos e c) forma e quantidade associadas, verificando se existe alguma diferença quanto ao tipo do objeto e sua quantidade.

Ainda Souza (2010, p.15) referindo-se a Binford (1971), sustenta que a *persona social* é representada de forma simbólica nos contextos funerários de acordo com dois fatores interdependentes: 1- a participação corporativa nessas cerimônias e 2 – a hierarquia relativa da posição social ocupada pelo morto em vida. Pegando esses dois fatores de Binford, J. A. Tainter, complementa a ideia, partindo de duas premissas: a primeira, apresenta que quanto mais complexa for a sociedade, mais difícil será o tratamento dado ao morto e a segunda, indica que quanto maior o status de quem morreu, mais complexo será o tratamento dado ao morto (TAINTER, 1978 *apud* SOUZA, 2010, p. 16) . Por que isso? Devido aos objetos presentes nos enterramentos, o tipo do enterramento, se foi inumação, cremação etc, a duração desses rituais e as sepulturas construídas, são classificadas e medidas de acordo com o grau de energia despendida para a sua realização (SOUZA, 2010). Simplificando, quanto maior poder econômico e status social o morto tiver, mais pomposo será e vice-versa. Claro que é importante salientar que a depender da época discutidos essa ideia do poder econômico e status social pode ou não estar relacionadas, devemos nos ater às temporalidades.

⁸ Ação de sepultar um cadáver; enterramento. Fonte: <https://www.dicio.com.br/inumacao/>

Parece confuso, mas esses elementos levantados, ajudavam a entender de forma organizada como eram feitas as práticas funerárias, o passo – a – passo, desde o momento da constatação que a pessoa morreu até o último adeus. Mas vejamos que somente dessa forma, fica algo bruto, sistemático e concreto. Parece a regra de três da matemática, que funciona para tudo, sabendo usa-la, resolve a vida. Falta adicionar os aspectos simbólicos dentro dessa prática e entender que as coisas não são bem assim.

Devemos sempre lembrar que cada sociedade tem as suas especificidades, ou seja, o que funciona para uma não quer dizer que funcionará para a outra ou que será feito da mesma forma. Por isso é importante, ainda mais dentro da Arqueologia, levar em consideração todos os aspectos possíveis, afinal, não trabalhamos com a exatidão e sim com a interpretação através dos dados coletados de outras áreas gerando uma interdisciplinaridade entre vários campos de pesquisas.

Alguns grupos indígenas como os Bororo, possuem um ritual fúnebre extenso e complexo. Seus corpos eram sepultados em uma vala e envoltos por uma esteira para que o corpo se putrefaça, posteriormente são exumados e seus ossos lavados e pintados para em seguida colocados em um cesto e sepultá-lo fora da aldeia (RIBEIRO, 2002 e SANTOS, 2009). O sepultamento dos Bororo é secundário. Os Guató sepultavam seus mortos em posição de decúbito dorsal estendidos em valas, numa profundidade de meio metro com a cabeça voltada para o oeste e os pés para leste (SANTOS, 2009). Um dos costumes dos Yanomami era moer os ossos depois de completamente limpos e comê-los misturados com banana em um ritual *post mortem* (MARTIN, 2005).

Os Maxacali têm um grande cuidado ao enterrar seus mortos, sepultando-os em covas, com seus corpos espetados com uma vara ou flecha para forçar a alma a se inserir na morada eterna sem voltar. A cremação e um segundo enterro só se faz necessário caso a cova apareça remexida, que significaria que o morto poderia ter voltado, nesse caso faz-se um novo enterro para garantir sua passagem. Os Krahó após o primeiro sepultamento em covas forradas com esteiras e madeiras nas laterais, após transcorridos

um mês, seus ossos eram desenterrados, limpos, lavados e pintados com urucu para depois serem enterrados novamente (RIBEIRO, 2002). Notamos que em todas as sociedades segundo Menezes e Gomes (2011) no evento da morte de alguém, a família e seu círculo social respondem e maneira estruturada com base nos sentidos que o grupo compartilha. As referências culturais determinam os cuidados com o corpo e o seu destino e também as formas de lidar com o luto. Os rituais funerários indicam a ideia de que a sequência das atividades humanas na terra cessou.

Observamos que por mais estranhos que sejam alguns rituais e formas de sepultamento, principalmente de grupos pré-históricos, existem semelhanças, não no fato do preparo do corpo, mas no quesito de garantir uma passagem tranquila, sem espíritos vingativos, sem retornos indesejáveis. Tanto passado quanto presente nas suas ritualísticas visam mostrar para o vivo e o morto que o trabalho terreno terminou ou por ora pelo menos.

“É o homem que dá sentido, representa e simboliza os objetos, os fenômenos e as relações sociais que o cercam [...]” (SOUZA, 2010, p.59). Os rituais têm sido descritos como um conjunto de performances prescritas e proscritas que seguem várias rotinas semelhantes às peças teatrais, com a única exceção de que não podem haver improvisos (SOUZA, 2010). Podemos entender essa visão se aplicarmos às nossas variadas culturas, porque cada uma tem a sua forma de fazer e acontecer o ritual de passagem.

Segundo Py-Daniel (2014), a arqueologia da morte possui um material de estudo diferenciado, que são as práticas e os gestos funerários, e também conta com os remanescentes ósseos, que juntamente com o contexto simbólico, ajudam os pesquisadores na sua compreensão.

A materialidade, possui usos e associações que nos permitem montar um quadro de referências. De que forma? O homem representa e dá sentido a tudo que o cerca – objetos, processos, fenômenos – e cabe ao pesquisador tentar, veja bem, tentar compreender esses possíveis significados no contexto social e histórico que ocorreram (RIBEIRO, 2007). É fantástico

poder trazer de volta a história que outrora fez parte de nosso mundo e também mostrar uma nova diretriz daquilo que presenciamos hoje. Só porque não tem centenas de anos, não deixa de ser importante. A materialidade contemporânea/atual estará descrita no capítulo 3, mas enquanto isso podemos exemplificar utilizando a pré-história.

De uma forma generalizada em muitos sepultamentos existiam a presença de adornos junto aos corpos, entre cerâmicas, materiais líticos⁹, materiais vegetais e mesmo humanos. Cada qual tinha uma função para estar ali, materiais cerâmicos podiam ser utilizados desde para armazenamento de alimentos podendo ser interpretados como um forma simbólica do indivíduo ao fazer sua travessia para a vida eterna sentir fome e precisar beber quanto para servir de urna funerária conservando o corpo, os líticos poderiam ser machados e flechas utilizados para caça e pesca e ao ser enterrado junto mostra que a pessoa tinha um status dentro do grupo e que também poderia utilizá-las para sua própria proteção contra espíritos, os vegetais podem ser cestarias, esteiras utilizadas no preparo para o corpo ser colocado, adornos como colares, cachimbos, flautas, etc. Tudo sugere e revela objetos utilizados as vezes no cotidiano e outros são próprios para serem utilizados para o fim ritual, mas podemos colher informações sobre o que pensavam sobre a morte e o que esperar na travessia.

O divertido e complicado, mas não impossível dos estudos das práticas mortuárias é o de voltar-se para o caráter ritual do funeral, bem como suas representações e simbologias, as possibilidades de seu uso por grupos na manutenção/reestruturação do poder. Olhando por esse lado, percebe-se como já foi dito no começo do capítulo que os vivos falam pelos mortos, simbolizam a si mesmos, representam aquilo que querem que se pense sobre sua família, sobre o grupo social e sobre o morto (RIBEIRO, 2007). Por isso que a forma como a pessoa foi enterrada é um fator considerável para compreender a sociedade em que pertenceu e o significado de todo o contexto ali presente. A maneira que Ian Hodder (1992) definiu a materialidade é interessante:

⁹Objetos feitos a partir da pedra lascada.

O contexto de um objeto arqueológico (incluindo uma característica, um sítio, uma cultura) é constituído por todas aquelas associações que são relevantes para o significado. Esta totalidade não é, com certeza, fixa de modo algum, já que o significado de um objeto depende do que está sendo comparado com, por quem, com qual propósito e assim por diante. Há, então, uma relação entre a totalidade e a questão da relevância. A definição da totalidade depende da perspectiva, do interesse e do conhecimento. Além disso, há uma relação dinâmica entre o objeto e seu contexto. Ao colocar um objeto num contexto, o contexto, ele mesmo é modificado. Há, portanto, uma relação dialética entre objeto e contexto. O contexto tanto dá sentido a um objeto, quanto ganha sentido dele. (HODDER, 1992 apud RIBEIRO, 2007, p. 100).

Segundo Costa (2012), devemos sempre ter em mente que as práticas funerárias dos mortos são decididas pelos vivos, e como tudo na vida, está sujeita as influencias ideológicas, políticas, econômicas e por que não acrescentar religiosas/crenças do seu meio e tempo.

Para finalizarmos este capítulo segundo Menezes e Gomes (2011), todas as sociedades transformam os modos de gestão do corpo em rituais, que variam segundo graus de complexidade. As cerimônias e rituais associados a este evento não somente separam os mundos – dois ou mais – mas estabelecem distinção, entre a oposição vivos/mortos.

Os vivos fazem e participam do ritual afirmando sua presença enquanto indivíduos pulsantes e os mortos... Bem! Eles estão começando a nova jornada.

“A sepultura é a única memória perene que deixamos na terra,
porque um nome ilustre é raro os que o deixam.”
Os cemitérios, 1837, p. 269 *apud* MOTTA, 2010 p. 58

Terceira parte: Do túmulo à memória.

Congratulações! Neste capítulo final, falaremos sobre as práticas funerárias da atualidade, mas não todas, porque são várias, com ritualística e simbologia referentes ao catolicismo, uma vez que no Brasil existem diversas crenças e religiões fazendo com que seja difícil abordar todas. Tendo em vista também que o Brasil possui cerca de 64,6% de católicos em seu território, segundo o censo demográfico do IBGE¹⁰ em 2010. Optamos então por destrinchar ao máximo através das fontes bibliográficas todo o ritual funerário, as simbologias e como é feito o preparo do corpo, para conhecermos sua totalidade e significado. Portanto, como a Arqueologia pode também trabalhar com essa questão das práticas mortuárias e da ritualística fúnebre nos tempos modernos com a ajuda de outras fontes bibliográficas, sejam escritas ou orais, e o principal norteador, nosso ponto de partida – a sepultura, achei pertinente esta descrição.

Sendo assim, faremos um estudo de caso de como são realizadas as práticas mortuárias, além da ritualística e simbolismos dentro do catolicismo praticados na cidade de São José do Rio Pardo, interior do Estado de São Paulo, um município com 153 anos de história, considerada uma cidade pequena com cerca de aproximadamente 54 mil habitantes. Vamos lá!

Como aponta Gilberto Safra (2018), o tema morte desapareceu da cultura do cotidiano, o que acaba nos impedindo de contar com os repertórios simbólicos para enfrentar a morte e o luto. Nos capítulos anteriores, mostramos que a questão de temas relacionados à temática morte, fazem parte de um processo que muitas vezes preferimos nos fazer de ignorantes e somente lidar com ela quando for necessário.

¹⁰https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf p.91.

Enquanto arqueólogos temos a obrigação de saber o contexto que envolve nosso objeto de estudo, através de todas as fontes de informações disponíveis, sendo elas: livros, artigos, teses, páginas de jornais, imagens, outras áreas como biologia, geologia, geografia, história, antropologia etc. bem como relatos das pessoas (comunicação oral) são fundamentais. Esses profissionais, sejam no âmbito acadêmico ou na Arqueologia de contrato, são uma mistura de Sherlock Holmes com Indiana Jones e Lara Croft. A junção do lado intelectual com o aventureiro faz parte desse ambiente.

“O cadáver é o elemento decisivo e primordial que orienta práticas e ritos funerários dos grupos humanos” (MOTTA, 2009, p. 02). Para os arqueólogos, encontrar esqueletos é o pote de ouro no final do arco íris, mas nem sempre isso é possível, pois o solo costuma ser muito ácido no Brasil, o que dificulta a duração dos ossos por longos períodos de tempo (ARQUEOLOGIA UMA ATIVIDADE MUITO DIVERTIDA, 2018). Por isso que grande parte dos cemitérios o único resquício visível são as sepulturas tumulares, elas sim sobrevivem às intempéries ambientais e temporais. Mesmo assim, não é impossível tentar extrair algo sobre a ritualística daquele grupo.

Nas sociedades ocidentais sempre se tentou buscar formas de preservar ou guardar os vestígios dos mortos, seja por meio da construção de túmulos, em suas versões cemitérios-jardins ou nos cemitérios verticais e afins; o ponto é ter um lugar para poder visitar quem morreu. Mas essa nova maneira de cuidar dos mortos pode ser visualizada não somente através das transformações no campo ritual, como também por meio da arquitetura cemiterial, dos sistemas de objetos funerários, dos estilos mortuários, dos modos de sociabilidade e das atitudes dos vivos em relação aos seus mortos. Ninguém morre mais dentro de casa, com algumas exceções, por exemplo em doenças terminais que tanto a família quanto a pessoa em questão quer passar seus últimos momentos no conforto de sua casa, junto da família e amigos, e casos como de causas naturais, como infartos em que a morte não está prevista, esse tipo de prática deixou de ser comum na maioria das sociedades ocidentais contemporâneas, preferindo se submeter à economia

de mercado, em clínicas e hospitais, longe dos olhos das famílias (MOTTA, 2009 e 2010).

A forma como a sociedade moderna interpreta a morte, como supracitado, não é falada, não é trazida como parte do ciclo da vida, é deixada de lado e isso acaba transparecendo na própria forma em como a prática funerária é exercida, afinal contratamos uma empresa especializada para fazer o serviço, nos abstermos do trabalho de lidar com ela diretamente, ou seja, não sabemos lidar, nos afastamos.

Sepulturas tumulares viraram coisa do passado, não vão deixar de existir e as famílias que as têm, continuarão enterrando seus mortos lá, a não ser que o cemitério venha a ser desativado pelo município. Enfim, a moda agora é gramado molhado, isto é, jardins, parques, onde a representação material de que alguém ali está enterrado é simplesmente uma placa fixada no chão. Como diz Motta (2009) não existe referência explícita à morte, nem tampouco ao morto, pois as evidências alegóricas encontradas nos antigos cemitérios, nos modelos atuais não mais perseveram; os novos espaços de enterramento estão propondo a diluição de qualquer resquício da morte. Quanto menos evidente, mais distante é a ideia.

Dentro da Arqueologia, partindo para uma delimitação espaço-temporal, o estudo de caso em questão que será apresentado nas páginas seguintes, está dentro da chamada Arqueologia Histórica que compreende as sociedades letradas e segundo Costa (2010), no Brasil, essa arqueologia histórica vem sendo realizada de forma sistemática desde a década de 1960, especialmente em cidades colônias e missões jesuíticas no sul do país. Foi centralizada principalmente na relação entre o colonizador europeu com os povos indígenas, e com isso a arqueologia histórica ficou conhecida como arqueologia colonial. Por isso existem os dois divisores pré-história (período pré-colonial), 1500 anos para trás e história (período colonial), 1500 anos até os dias atuais. Portanto, as informações coletadas e percorridas neste capítulo são referentes aos séculos XX e XXI.

Abaixo, assim como nas próximas páginas, será desenvolvido um diálogo descritivo criado cujo objetivo é tratar de forma dinâmica e leve como é o passo-a-passo do processo funerário iniciando a partir da fatídica ligação para uma casa funerária.

3.1 O passo-a-passo

Não recorro exatamente como acordei, só lembro de ficar ouvindo passos no corredor para lá e para cá. Até pensei que fosse algum sonho meio doido, mas o barulho foi aumentando e logo percebi que eram vários passos apressados. Olhei o horário no celular que estava embaixo da cama e vi 03:15h, ainda sonolenta, procurei meus óculos e sentei-me na cama para sintonizar no tempo e espaço. Alguns segundos passados, comecei a ouvir algo que pareciam vozes conhecidas, mas não conseguia entender o que diziam. Levantei-me e abri a porta de meu quarto com os olhos entreabertos, pois as luzes incomodavam meus olhos que ainda estavam acostumados com a escuridão.

- Mãe? Pai? O que está acontecendo?

Algo havia acontecido, mas o que? Todos estavam de pijamas. Minha irmã mais velha e minha mãe estavam chorando, meu pai e meu tio conversando mais distante abalados e eu sem saber de nada. De relance meu pai avistou-me e foi a meu encontro, com um sorriso tímido.

- Oi filha! Te acordamos sem querer né?!

Consequia ver em seu semblante que estava matutando em sua mente como me contar o que estava acontecendo e muito provavelmente a melhor forma de falar. Na paciência que nunca tive, acabo que iniciando a conversa.

- O que aconteceu? Pelo comportamento de todo mundo, alguém morreu, não foi?

“O silêncio vale mais que mil palavras”, é um ditado bem verdadeiro.

- Quem foi pai?

- É ... bem, foi seu avô. Tem uns 15 minutos que sua avó veio nos chamar para dizer.

Não conseguia pensar ou dizer qualquer coisa diante dessa notícia. Como forma de bloqueio, sempre limitei a não pensar em situações que não entendo ou domino e ignorar qualquer sentimento que venha a se manifestar, ou seja, não consigo sentir nada. Minha mãe e irmã vieram me abraçar e as retribui por alguns segundos e logo me sai e fui junto a meu pai e tio.

- Pai, o que vai acontecer agora?

- Bem filha, ligamos para a funerária vim buscar seu avô.

- E o que eles vão fazer?

- Vão preparar as coisas para o velório.

- E como eles fazem isso?

- Eles irão trocar as roupas de seu avô, colocar no caixão e levar para o velório.

- Só isso?

- Sim, você quer mais o que?

- Achei que tinham mais coisas, só isso.

- Se tem, aí o pai não sabe. Por que não pergunta para eles quando chegarem?

- Estava mesmo pensando nisso.

Fomos todos para a casa de minha avó que se localizava na rua de cima e notei minha mãe e avó com toalhas, sabonete e uma bacia cheia de água. Será que elas iriam dar banho em meu avô? Dito e feito.

- Mãe o que vocês estão fazendo com isso?

- Vamos dar um banho em seu avô para ele ir cheiroso.

- Hummmm, posso ficar vendo?

- Pode!

Enquanto elas com todo o cuidado e carinho desse mundo davam um último banho em meu avô que estava deitado em sua cama com seu pijama preferido, notei que seu semblante era sereno, tranquilo e pensei: “Ele não sentiu a morte chegando, simplesmente deitou e dormiu”. Um sorriso me veio aos lábios, estava triste obviamente, mas feliz por ter ido em paz. Como aponta Safra (2018), a morte se tornou um acontecimento que deve ser acolhido e testemunhado, dessa forma o viver humano é uma contínua transformação e a cada etapa da vida precisamos rever nosso modo de ser, nossa identidade e nossa maneira de nos colocar perante o mundo. É nessas horas que começamos a refletir sobre nossas próprias vidas. Junto a meus devaneios, escuto a campainha. A funerária chegou.

Os cumprimentos foram dados a todos os presentes e o pessoal juntamente com uma maca se dirigiram para o quarto a fim de levar nosso avô para dar início aos preparativos de sua despedida. Um dos agentes da funerária era amigo de nosso pai e aproveitei essa “liberdade” para perguntar o que iria acontecer a partir de agora. Ao primeiro momento é perceptível a estranheza no olhar em relação a minha pergunta, mas já em seguida, continuei.

- Fiquei curiosa em saber quais são os procedimentos feitos quando alguém morre, por isso a pergunta.

- Hum... você quer saber então um passo-a-passo do que fazemos? Como funciona a prática toda?

- Exatamente.

Olhou para nosso pai buscando um sinal de aprovação, por que ninguém quer saber dessas coisas e ele consentiu apenas sorrindo e balançando a cabeça em sinal positivo.

- Muito bem! A partir desse momento, nós iremos levar seu avô para a funerária e em uma sala própria iremos prepara-lo. Primeiro é feita uma limpeza no corpo, como um banho para higienização, que irá desinfetar o

corpo, depois colocamos as roupas que pelo visto já foram escolhidas, fazemos um tamponamento que consiste em colocar algodão ou gazes nos orifícios, principalmente nariz e ouvido. Caso os olhos estejam abertos é utilizado um tipo de cola para fechá-los, assim como nos lábios. Fazemos uma necromaquiagem, como o próprio nome nos sugere, essa técnica tem o objetivo de dar uma aparência saudável, mais viva, proporcionando uma boa fisionomia, minimizando a dor e a tristeza familiar (SOUZA e SANTOS, 2015). É importante frisar que fazemos tudo isso já direto na urna funerária, o caixão como é mais conhecido, por que dessa maneira, ele já fica acomodado na forma correta.

- Como é a forma correta?

- O tamanho da urna funerária sempre será maior em comprimento e largura em relação a pessoa que irá ficar deitada. Dessa forma, ao deitamos, arrumamos a cabeça para que fique reta e alinhada ao corpo, deve-se ater a esses detalhes para que ela não fique muito baixa, com o queixo encostando no pescoço, muito alta com a cabeça jogada para trás ou com o rosto inclinado para um dos lados. Parece bobagem, mas dá diferença no aspecto visual final e de forma alinhada, mantém-se uma postura correta e respeitável. Os braços podem ficar dobrados com as mãos entrelaçadas como em sinal de oração ou podem ficar em posição reta ao lado do corpo. Esse tipo de preparo da forma como o corpo ficará, não existe um padrão, existe o mais usual. Mas cada funerária tem a liberdade de fazer da forma que achar melhor e normalmente são bem similares os tipos de preparo do corpo.

- Só isso?

- Esse é o tipo básico de preparo de um corpo o que varia nessa organização é o tempo que o velório irá levar. Em casos que existam familiares vindo de outros Estados ou até países a família pode querer aumentar esse tempo. Dessa forma existe uma técnica chamada de tanatopraxia que visa à conservação artificial do cadáver. Esse procedimento segundo Souza e Botelho (1999) e Souza e Santos (2015), ocorre a aplicação de substâncias

químicas que irão conservar e preservar melhor o corpo. Algumas das finalidades dessa prática são: a sanitária com o uso de substâncias químicas utilizadas como desinfetantes que ajudam a conter a disseminação de doenças contagiosas; a preservação, que como dito acima, pretende retardar o processo de decomposição, permitindo assim um traslado do corpo, caso o mesmo esteja vindo de um local distante (outra cidade, Estado ou país), permite também mais horas expostos para o ritual fúnebre e para a despedida da família, ou seja, nada mais é do que um retardo do processo biológico e para completar, Araújo (2012) fala que em termos de mercado, essa técnica tem muito mais um valor estético, por que reduz os inchaços e melhora a aparência da pele, pois elimina rugas e hematomas. Porém, tudo depende de como a pessoa morreu. Cada caso é um caso e a depender nem com essa técnica o efeito é prolongado. Você sabe como é esse processo?

- Mais ou menos, cheguei a ver algo nas aulas de Biologia no colégio, mas nem lembro direito.

- Em média e de forma simples o tempo que o corpo começa a perder calor, ficar flácido, a enrijecer, a apresentar livor, ou seja, aquelas manchas no corpo de coloração rosa ou violeta, até atingir o roxo, o desaparecimento das partes moles até a sua esqueletização completa, começam desde a primeira hora em que a pessoa morreu até anos depois.

[...] o corpo flácido, quente e sem livor: menos de 2 horas; rigidez na nuca e mandíbula e esboço de livor: de 2 a 4 horas; rigidez dos membros superiores, nuca e mandíbula, com livor relativamente acentuado: de 4 a 6 horas; rigidez generalizada, manchas de hipóstase e não surgimento da mancha verde abdominal: mais de 8 e menos de 36 horas; presença da mancha verde abdominal e início da flacidez: mais de 24 horas e menos de 36 horas; mancha verde abdominal generalizada: mais de 48 horas; extensão da mancha verde abdominal a todo corpo: mais de 3 e menos de 5 dias; desaparecimento das partes moles do corpo e presença de insetos: 2 a 3 anos; esqueletização completa: mais de três anos (MARINTS, 2009 p.12).

Conforme nossas células vão morrendo, as bactérias que existem dentro de nós começam o processo de decomposição, é aí que o corpo incha devido a liberação de gases e começa a sair secreções pelos orifícios do corpo, por isso é feito o tamponamento e conforme as horas vão passando o corpo começa a cheirar mal. Consegui entender?

- Sim, deu para pegar a lógica. Então voltando para a técnica de tanatopraxia, não é em toda pessoa que é feito?
- Exato! E outra coisa que tenho percebido ao longo dos anos é que as nossas práticas no preparo do corpo, pelo menos aqui na nossa cidade e região, nunca foram feitas para durar centenas ou milhares de anos e sim apenas para as poucas horas que precedem o sepultamento.
- E depois de todo esse preparo é que vocês irão leva-lo para o velório?
- Sim, enquanto o corpo é preparado o velório é decorado para receber as pessoas.
- E o que vocês colocam na decoração?
- Aí são as famílias quem decidem o tipo da urna funerária, o tipo de arranjo de flores, ornamentos caso queiram. Nós temos um catálogo com os tipos de serviços que temos, desde algo simples até o mais elegante. Sinceramente vai depender de quanto a família quer gastar, claro que em nossa cidade existe um teto, um tipo de tabela que varia desde R\$ 400,00 até R\$ 10,000.00. Nosso papel independente do plano escolhido é proporcionar algo bonito, sereno e alegre.
- As famílias costumam enterrar com objetos, como relógios, anéis, correntes?
- Muito difícil, mas as vezes enterramos com aliança ou algum objeto muito querido da pessoa, mas são raros esses acontecimentos, por que geralmente as famílias guardam esses objetos preferidos como lembranças. Terços entre as mãos são mais comuns por serem mais simbólicos.
- Até onde vai a obrigação da funerária?
- Até o portão do cemitério, a partir dali, encerra-se nosso trabalho.
- Obrigada pelas informações.

● diálogo criado acima foi uma forma diferente de aplicar as informações fornecidas pelos donos de duas funerárias da cidade de São José do Rio Pardo, interior do Estado de São Paulo, que desenvolvem esse

trabalho a pelo menos, levando em conta a mais velha, 68 anos. E em conversa de acordo com Jurandir Riolli ¹¹e Douglas Pinto, o preparo dos corpos sempre fora assim na cidade. A tanatopraxia em conversa com Jurandir Riolli é uma técnica recente que começou na metade da década de 90 no Brasil e é muito utilizada nas cidades com milhares de habitante onde o volume de enterros é bem maior em relação as cidades pequenas, sendo essa prática muito difícil de ser utilizada e em São José do Rio Pardo, os velórios costumam durar em média 8 horas, não sendo necessário esse tipo de técnica.

Os rituais fúnebres têm como propósito dar sentido à morte, apesar de ser algo particular e íntimo ao mesmo tempo não é um evento social fechado e exclusivo, em via de regra, costuma ser algo público e com a participação dos familiares, amigos e muitas vezes curiosos. Essa aproximação em comunidade é uma forma de conforto para lidar com o momento da perda.

Não podemos dizer que todos os medos dos seres humanos estão, no fundo, relacionados com o da morte, como fala Pereira (2013), mas que boa parte sim, está. Um dos motivos é por se tratar de um mistério do qual pouco ou nada se sabe. De qualquer forma, a morte é nada mais nada menos que algo natural.

Dando sequência ao passo-a-passo é importante falar sobre o local em que o corpo será velado que muitas vezes é esquecido, mas que tem um papel fundamental. Ele é o intermediário, aquele lugar que existe uma reunião de pessoas e onde quase tudo acontece: O velório. Analisaremos com um viés diferente, exploraremos enquanto cultura material e simbólica as informações que são possíveis de se retirar.

O ritual do velório segundo Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), teve sua origem enquanto necessidade de se confirmar a morte, devido às condições de atestado de óbito serem mais dificultosas, existindo a chance de o morto

¹¹Dono da casa funerária São José. Em conversa, contou que seu pai pegou a funerária que pertencia a Paschoal Cerávolo e deu continuidade aos negócios fúnebres. O jornal Gazeta do Rio Pardo de 5 de agosto de 1933, ano XXVI, traz um anúncio das duas funerárias existentes: São Miguel de Francisco Cerávolo & Cia e a São José de Paschoal Cerávolo & Filho com seus respectivos endereços comunicando a população que seus serviços eram a qualquer hora do dia e da noite e que dispunham de auto coche fúnebre para melhor atendê-los.

não estar morto, na história temos registros de vários relatos de pessoas que foram enterradas vivas.

Para um arqueólogo todo aquele espaço vazio e solitário inserido em uma malha urbana, normalmente, é algo material, foi construído e desenvolvido por alguém e possui uma função e finalidade. Enquanto edificação foi designado para “ações em que podemos reconhecer a existência de uma estrutura social da comunidade” (PEREIRA, 2013 p. 2702), ou seja, um espaço em que existe o encontro e a união de pessoas que vieram para juntar-se a família em solidariedade para prestar seus respeitos finais. O ato de velar alguém, não precisa ser necessariamente nos velórios como o conhecemos, o espaço escolhido a partir do momento da chegada do féretro¹², torna-se sagrado (PEREIRA, 2013). Não existe nenhuma lei federal que proíba a pessoa de ser velada em outro local, desde que haja consentimento dos envolvidos.

É um ambiente neutro, uma folha de papel em branco que a cada funeral vai sendo preenchida com sentimentos e emoções, conversas alegres com os amigos e conhecidos, não deixa de ser um reencontro que entre um cafezinho a outro, alguns choram, alguns conversam, outros sorriem, muitos rezam, muitos ficam em silêncio. Por algumas horas, aquela estrutura física ‘morta’, ganha ‘vida’, sendo preenchida não somente por pessoas, mas também por objetos temporários, uma materialidade móvel, que fazem parte da ritualização da despedida como a urna funerária que vem acompanhada de uma cruz, flores e de velas em castiçais. As velas¹³ simbolizam a fé, a presença de Deus para os católicos, nos velórios podemos entender como Ele estando ali presente para guiar a alma da pessoa que morreu para o descanso eterno.

Vós sois a luz do mundo. Uma cidade construída no alto do monte não pode ficar escondida. E também não se acende uma luz para pô-la debaixo de um móvel. Pelo contrário, é posta no candeeiro, de modo que brilhe para todos os que estão em casa. Assim deve brilhar

¹² Caixão, urna funerária.

¹³ <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/para-igreja-velas-tem-um-significado-muito-importante/> acessado em 20.08.2018.

vossa luz diante dos outros, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus (Mt 5:14-16).

A presença da cruz¹⁴ simbolizando o amor de Cristo por todos, seu sacrifício ao libertar a humanidade do pecado para que todos pudessem caminhar na luz e fazer o bem uns aos outros. Juntamente com a vela, a cruz, irá lembrar a todos que após a morte, haverá a ressurreição. As flores¹⁵, sejam elas em vasos ou em formatos de coroas demonstram o carinho dos que foram e muitas vezes dos que não puderam comparecer e se fizeram presentes através deste gesto, simboliza alegria, o ciclo da vida, a beleza, além de deixar o ambiente cheiroso e vivo. Existem diversas espécies, porém as mais usuais em velórios são os crisântemos por serem mais resistentes ao tempo, possuem cores vivas, fortes e seus significados são diversos como, esperança, sinceridade, amor, paz e etc. Devemos partir do pressuposto que não é um ato de obrigação e sim de carinho, admiração, bondade, respeito e honra.

Os rituais fúnebres são denominados como *piaculares* pois são cerimônias que acontecem durante o processo de sepultamento e após, tem funções de afastar qualquer tipo de mau agouro, sentimentos de angústia, temor e tristeza e dentre eles os ritos das exéquias, da missa do sétimo dia e do luto (PEREIRA, 2013).

Ao entrarmos nas exéquias segundo Pereira (2013), aprofundamos bem mais no âmbito dos ritos fúnebres, nas ritualizações em decorrência da morte e nos procedimentos para lidar com ela que expressam uma ação social desencadeada pelo defunto, sendo assim, os rituais fúnebres assinalam os mais comóventes costumes da tradição católica, ditados pelo episódio da morte. Desta forma, essas cerimônias: as exéquias, o velório, o sepultamento, o luto e a missa do sétimo dia, criam laços comunitários entre os presentes gerando a criação de memória e a unificação dos sentimentos em um só: a perda.

¹⁴<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/a-forca-da-cruz/> acessado em 20.08.2018.

¹⁵<https://www.cerejeiras.com.br/blog/o-significado-de-cada-tipo-de-flor-em-uma-coroa-de-flores> ; <https://gruposaojudastadeu.com.br/flores-no-velorio-voce-conhece-o-significado/> ; <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/flor/> ; <https://www.arquiteturadasflores.com.br/significado.php> acessado em 20.08.2018.

As exéquias, como ritos de passagem, esperança e consolo encontram-se fundamentadas e recomendadas no Código de Direito Canônico¹⁶ (PEREIRA, 2013).

Cân. 1176 — § 1. Devem fazer-se exéquias eclesiásticas aos fiéis defuntos, segundo as normas do direito. § 2. As exéquias eclesiásticas, com as quais a Igreja implora o auxílio espiritual para os defuntos e honra os seus corpos, e ao mesmo tempo leva aos vivos a consolação da esperança, devem celebrar-se em conformidade com as leis litúrgicas (Código do Direito Canônico p. 233).

Estão presentes em todo o momento durante o ritual de preparação para o sepultamento – velório – até o rito da última encomendação e despedida, quando a urna funerária é enterrada, ou seja, todas as orações, cânticos, missas, feitas em funerais, são exéquias que visam a purificação da alma e auxílio espiritual para o sepultado, consolação e esperança para os que choram a morte e quem pode celebrar essas exéquias são pessoas do clero ou ministros da eucaristia (PEREIRA, 2013 e Celebração das Exéquias¹⁷– Ritual Católico).

Dentro desse contexto fúnebre, tratamos sobre a forma de preparo do corpo, o ritual e o simbolismo por trás do ato, mas ainda nesse passo-a-passo fúnebre estão faltando o cemitério e o ritual de fechamento que é a missa do sétimo dia.

Os cemitérios são grandes sítios arqueológicos a céu aberto, testemunhos da dor, mas que possuem mensagens que muitas vezes só aparecem nas lápides, seja uma palavra de amor, um último gesto de carinho para um filho, um pai, um avô e etc (ARQUEOLOGIA UMA ATIVIDADE MUITO DIVERTIDA, 2018). São lugares que podem ser entendidos como uma reprodução simbólica e através da cultura material podemos analisar fenômenos da dinâmica cultural e mudança social (LIMA, 1994).

¹⁶http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf acessado em 21.08.2018.

¹⁷<http://www.liturgia.pt/rituais/Exequias.pdf> acessado em 21.08.2018.

Segundo Pacheco (2000), a prática de sepultamentos no interior das igrejas e ao seu redor, foram trazidas para o Brasil pelos portugueses, porém ao final do século XVIII, médicos brasileiros começaram a se preocupar com esses enterros em igrejas devido as suas consequências para com a saúde da população. Por questões sanitárias e de saúde pública, os médicos então avaliaram que a melhor localização para os cemitérios, devia ser fora da cidade, longe de fontes de água, em terrenos arejados, de forma que os ventos não soprassem sobre a cidade, evitando assim trazer qualquer mal cheiro a população e também tinha a questão ambiental envolvida por que “todos os cemitérios são um risco potencial para o meio ambiente, em especial para o aquífero freático” (PACHECO, 2000, p. 24).

Então, dessa maneira, a convivência e a familiaridade com os mortos deixaram de existir, ficaram mais distante a partir do momento em que foram levados para locais mais afastados das cidades e agora não estavam mais no interior de templos sob a guarda de um teto pintado com nuvens e arcanjos suspensos (MOTTA, 2010), estavam dentro de retângulos de variados tamanhos que cabiam uma, duas ou mais pessoas, formando uma cidade dos mortos: os cemitérios.

Quando uma cidade está em construção pensar nessas questões sanitárias e ambientais acabam sendo mais fáceis por que existe o espaço a seu favor e até a malha urbana começar a se aproximar do cemitério levam-se décadas. Nos tempos modernos, as cidades muitas vezes não têm mais espaço físico para expandir e questões sobre novas construções de cemitérios ficam mais difíceis de se tratar e acabam sendo inseridos já dentro da malha urbana.

Os mortos agora tinham um novo abrigo a céu aberto construído pelas famílias que de certo modo asseguravam um lugar na terra para os proteger das intempéries e resguardar a imagem de conservação do corpo. Nos túmulos acumulavam-se cadáveres, e cada qual conservava a sua individualidade, invocando lembranças comuns, memórias genealógicas e agora passavam a ser também habitações familiares (MOTTA, 2010). Até

hoje isso perdura e podemos ver nitidamente nos cemitérios se prestarmos atenção aos túmulos dois tipos de habitações familiares.

A primeira como mostra a imagem 07¹⁸, é a sepultura clássica que contém o nome da família e mostra um poderio financeiro pela suntuosa e luxuosa sepultura que fora construída. Qualquer pessoa que passe por esse caminho, irá parar e olhar, é uma bela arquitetura cemiterial. Segundo Motta (2009) a referência tumular era determinada pela linha paterna, transmitida aos filhos, netos, sendo o nome gravado discretamente ou visivelmente.



Imagem 07: Sepultura familiar da década de 50. **Local:** Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo. **Crédito:** Rebeca G. Felicissimo (2018). **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

¹⁸ O sobrenome da família foi ocultado por questões de respeito.

● prestígio do morto segundo Motta (2010) não se dava somente pela grandeza do túmulo, pelos nomes de família (patronímico) ou “pelas eventuais curiosidades contidas nos epitáfios”, mas também pela quantidade de pessoas que compareciam no velório e enterro, mostrava dessa forma o grau de importância que o falecido ocupava na vida social daquela sociedade. Fazendo uma comparação, um velório cheio atualmente representa que a pessoa foi importante, independente da condição social e econômica para aquela sociedade, no caso cidade. O fato de ter ou não dinheiro, hoje em dia não quer dizer nada. Quantas pessoas tem status, dinheiro e todo o luxo disponível, mas na hora da morte quase ninguém aparece?

● segundo tipo como mostra a imagem 08, são sepulturas que não exibem o nome da família, mas percebemos que existem vários cadáveres que outrora pertenceram ali. Seja uma única gaveta¹⁹ ou várias, os túmulos que antes eram unitários, não mais o são, existiram ali e podemos comprovar a existência de mais indivíduos com os nomes nas lápides. São várias pessoas da mesma família, mas que partilham de vários laços enterradas em uma mesma sepultura, podem ser pais, mães, primos, sobrinhos, tios, avós, cunhados, enfim, são sepulturas mais modestas cujo objetivo não é mais demonstrar poderio e luxo e sim concentrar pessoas queridas em um mesmo espaço para poderem serem lembradas. Nas palavras de Motta (2009, p. 86) “as construções tumulares, pouco a pouco, deixaram de constituir prioridades de investimentos relacionadas com a distinção social de algumas famílias, a identificação e a transmissão de um patronímico²⁰ comum, a atualização de laços identitários”.

● Os túmulos tornaram-se mais versáteis, funcionais e menos decorativos, sendo essas novas construções a função de abrigar um determinado número de sepultamentos, sendo substituídos à medida das novas necessidades de inumação de seus proprietários e com isso temos uma nova dinâmica nas composições familiares (MOTTA 2009 e 2010).

¹⁹ Local onde se deposita o caixão dentro do túmulo.

²⁰ Sobrenome derivado do nome do pai. Fonte: <https://www.dicio.com.br/patronimico/>

Podemos ainda levantar um argumento sobre existirem no mesmo túmulo diferentes sobrenomes, levando em consideração uma questão financeira. É caro enterrar alguém e mais caro ainda se a pessoa não possuir um túmulo. Muitas vezes, emprestam-se a parentes o túmulo vazio que no momento não está sendo utilizado, diminuindo assim o gasto. Após 3 anos passados da data do sepultamento é permitido abrir o túmulo para retirar as ossadas, caso alguém venha a falecer e necessite de um local. A família então pode recolher esses ossos que são colocados em sacos plásticos e tem a opção de enterrar junto com a próxima pessoa, colocar em outro túmulo etc.



Imagem 08: Todas as sepulturas possuem mais de uma pessoa enterrada. **Local:** Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo. **Crédito:** Rebeca G. Felicissimo (2018). **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

A família Felicissimo fez isso na ocasião em que o avô paterno morreu em 2015, utilizando o túmulo até então com os restos mortais de uns dos tios maternos que estava lacrado há pelo menos 17 anos. Quando fora aberto, não tinha quase nenhum resquício de ossos, uma vértebra ou outra e os ossos mais longos ainda restavam alguns. Então tudo que havia ali dentro fora recolhido, colocado dentro de um saco e levado para um outro

túmulo onde estava enterrado a mulher desse tio materno que havia morrido pouquíssimos meses depois do marido. Atualmente nesse túmulo, imagem 09 estão os dois tios e recentemente fora sepultado o avô materno. Com esse exemplo, fica claro a explicação de em apenas um túmulo, a criação de uma sepultura familiar está sendo criada.



Imagem 09: Sepultura familiar atualmente. **Local:** Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo. **Crédito:** Rebeca G. Felicissimo (2018). **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Para alguns, segundo Motta (2010, p. 57), “o culto aos mortos se transformara em culto aos antepassados, atribuindo-lhes o sentido de celebração e de homenagem à memória”. A partir do momento em que pensamos com carinho e amor em quem já morreu, estamos cultuando e mantendo vivo em nós a sua imagem. Não é necessário ir ao cemitério para que isso seja perpetuado, o interessante são os gatilhos a memória que ao se visitar a cidade dos mortos, começamos a lembrar de tantas outras pessoas que fizeram parte de nossas vidas seja direta ou indiretamente que com o passar dos anos esquecemos.

Por volta da segunda metade do século XIX as visitas aos cemitérios passaram a ser mais frequentes e o culto aos mortos, tornava-se uma prática familiar, ao mesmo tempo que afetiva e como boa conduta moral. O

quadro de urbanidade que se delineava, seguia à risca o calendário dos vivos, mostrando que a intensidade das visitas era durante as datas de aniversários, falecimentos e dia da consagração aos mortos (MOTTA, 2010).

Trazendo isso para o século XXI, o ir ao cemitério, continua sendo uma prática, porém, bem menor, o maior movimento é no dia de finados²¹, onde a festividade social acontece junto aos mortos. Com missas, orações, choros e risadas, esse dia em particular vemos a cidade dos que já foram se encherem com diversos aromas provenientes das flores levadas e também da cera queimada das velas. Ambos demonstram respeito, esperança e vamos acrescentar a vida eterna em relação as velas acesas.

Memórias afloram ao visitar as sepulturas de conhecidos, nesse meio tempo encontram-se com amigos que vieram também prestar seus respeitos e por um momento tudo para e retornamos ao passado lembrando das histórias das quais o falecido fizera parte. O dia é deles e para eles, mesmo que em muitos túmulos, não exista mais resquício algum de sua materialidade e estejamos em frente a uma estrutura retangular vazia, o simples fato de pensarmos e materializarmos isso em nossas mentes, traz de volta àquele espaço interno quem outrora o preencheu.

Diz a lenda, contata normalmente pelos idosos que o dia de finados, era o único dia do ano em que os mortos tinham permissão para virem a terra e estar no meio dos mortais, mas isso se limitava apenas ao cemitério e dessa forma, durante às 24 horas do dia de finados (2 de novembro), os espíritos ficavam sentados em seus túmulos olhando quem vinha lhes visitar e orar por suas almas.

Embora a existência humana é considerada temporária, e a morte como um fato concreto e inquestionável, nada impedia e impede até hoje que mesmo depois de morto, o indivíduo continuasse a ser reverenciado e

²¹ Segundo Pereira (2013) a partir do século XIII, o dia anual de oração para os mortos passou a ser o dia 2 de novembro, que foi uma data proposital pelo fato de suceder a uma outra data muito importante no calendário católico, o dia de Todos os Santos, 1º de novembro, que era a celebração de todos os que morreram em estado de graça, me que não foram canonizados. Diferentemente do dia de todos os santos, o dia de finados é a data em que todos os que morreram, indistintamente, recebem orações e o fato de acender uma vela no cemitério simboliza a vida eterna do falecido.

cultuado na memória ou na recordação mais íntima, ali em sua morada eterna, ele está eternizado (MOTTA, 2010). Podemos ver isso na imagem 10, imortalizado pela fotografia o carinho e a saudade de quem está tentando se acostumar com a ideia da partida.

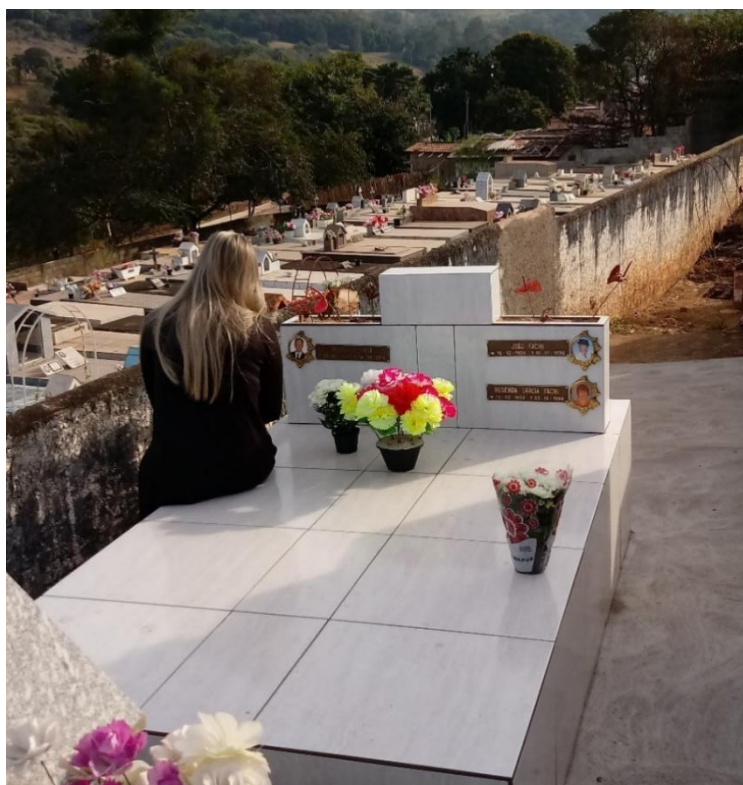


Imagem 10: Do túmulo à memória. **Local:** Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo. **Crédito:** Rebeca G. Felicissimo (2018). **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

“Até as lágrimas dão suas contribuições, auxiliando na acolhida e no envio de quem faleceu, simbolizando a receptividade e ao mesmo tempo o carinho e saudade” (PEREIRA, 2013, p. 2703).

Enquanto arqueólogos não podemos deixar de as vezes fazer comparações com sepultamentos pré-históricos, como foi exemplificado no capítulo 2. A forma como o corpo é depositado, os adornos colocados junto, representam status social, hierarquia dentro daquela comunidade, proteção, o local da sepultura, tudo existia um porquê e uma razão. Eram mais próximos da morte e não existia esse tabu dos dias atuais em que não tratamos a morte como algo natural e sim como algo que não deve ser pronunciado, como se quiséssemos nos proteger de atrair ela para nossas vidas, preferimos assim, não falar sobre.

A morte é sempre uma ruptura social que até hoje continua sendo objeto de uma série de atitudes ritualizadas, senão coletivas, individualizadas, mesmo que as estruturas cemiterias, as dinâmicas sociais e seus sistemas de representação em nada mais se assemelham às dos antigos cemitérios. Que buscavam e buscam por meio da pedra e de outros elementos alegóricos, eternizar o que a morte foi capaz de separar (MOTTA, 2009).

De qualquer maneira a atualidade ao contrário dos séculos XIX e XX, não mais buscam hierarquizar a morte, como na imagem 11 do cemitério comum, através de status de poder. Hoje ela é igual para todos, sejam ricos ou pobres, na hora do enterro isso não conta. Nos cemitérios jardins, imagem 12, isso fica claro, pois a forma de enterrar é a mesma, sem distinção de classe social, racial, gênero entre outras distinções que ainda persistem nos dias de hoje. Devemos ressaltar que essa conclusão se baseia no estudo de caso em questão, existem cemitérios jardins que essa hierarquia ainda permanece.

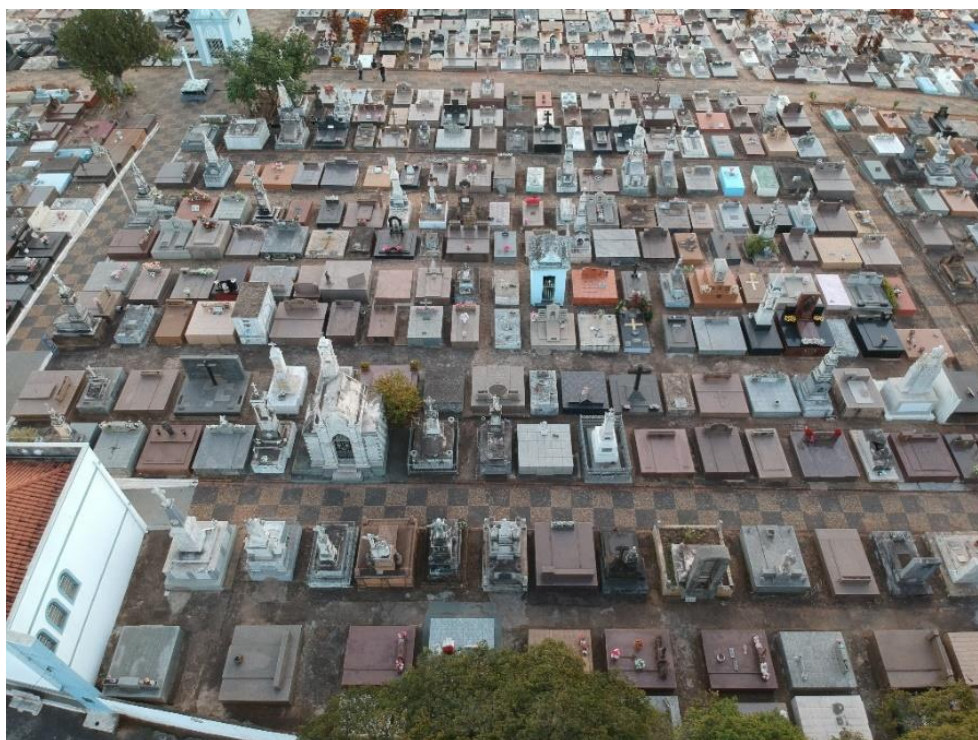


Imagem 11: Cemitério tumular. **Local:** Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo. **Crédito:** Zildo Inocência (2018). **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.



Imagem 12: Cemitério jardim. **Local:** Cemitério Municipal de São José do Rio Pardo. **Crédito:** Zildo Inocêncio (2018). **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Não é levado nada para o além, diferentemente do que se acreditava em alguns grupos na pré-história, toda a materialidade em vida é deixada e somos enterrados quase da mesma forma como viemos ao mundo. Após o enterro, o ciclo ritualístico se encerra com a missa do sétimo dia que se configura como uma tradição e costume católico, seja a família praticante ou não, normalmente manda-se rezá-la.

Como nos fala Pereira (2013) a missa de sétimo dia consiste portanto em um marco simbólico divisório entre o episódio da morte e o retorno da normalidade no cotidiano da vida dos familiares, sendo um momento forte de solidariedade social na onde os parentes e amigos se reúnem para fazer a entrega definitiva da pessoa que foi chamada deste mundo para se encontrar com Deus. Na Bíblia, existem várias passagens quanto a simbologia do número sete e seus derivados (sétimo, setecentos, setenta) e seus significados são “totalidade, plenitude, contemplação ou perfeição” (MACKENZIE, 1983 *apud* PEREIRA, 2013, p. 2704).

Assim foram terminados o céu e a terra com todos os seus elementos. No sétimo dia, Deus concluiu a obra que havia feito; e descansou de todo o seu trabalho no sétimo dia. Deus abençoou o

sétimo dia e o consagrou, porque nele descansou de todo o trabalho que havia feito na criação (Gn 2:1-3).

Ainda com Pereira (2013), a semelhança dessa passagem com a missa do sétimo dia simboliza que o falecido, agora que já cumpriu sua missão na terra, poderá também descansar. A crença de ficar em luto por sete dias é para eliminar qualquer interferência da morte na vida dos familiares e com isso diluir a dor da perda. A devoção católica convencionou encerrar o ciclo ritualístico com a cerimônia da missa do sétimo dia.

O costume de se entregar os santinhos na missa de sétimo dia ainda é uma prática comum, algumas famílias optam ou não pela sua distribuição, assim como a existência de anúncios em carros de som sobre a morte de alguém dizendo o local e horário do velório e enterro e também os anúncios via jornais da cidade e mídias sociais que são artifícios para tentar avisar ao máximo de pessoas sobre o falecimento do ente querido.

Nota-se que a arqueologia da morte está presente em todas as partes do manuscrito, afinal, como foi descrita ao longo das páginas, trata-se de compreender e contextualizar a materialidade existente com o que as sociedades acreditam e agem sobre esse assunto Morte. A forma como pensamos e percebemos a morte, como trabalhamos o corpo, os simbolismos, os rituais e a forma de sepultar é arqueologia da morte. Ela se faz presente mesmo não tendo as palavras "arqueologia da morte" nos parágrafos.

Tudo na vida é passageiro, uma hora acaba. A cada nova manhã, a cada novo dia, é um dia a menos da trajetória terrena. A materialidade enquanto corpo deixará de existir e somente as boas ações que foram feitos em vida serão lembrados pelos que ficaram.

Finalizando

Não somos apenas cavadores de quadrículas que desenterram coisas antigas. Fazemos parte de uma ruma de agentes que a partir dos objetos deixados por nós humanos, transformamos em palavras, damos vida aquilo considerado sem utilidade, porque é apenas um objeto que quando descartado perdeu-se sua função. Trazemos de volta seu significado e partilhamos com todas as pessoas as histórias daqueles que fizeram ou fazem parte da sua funcionalidade.

Esse não é um trabalho classificado como Arqueologia do Mundo atual, Arqueologia da Atualidade e afins, é uma monografia baseada na curiosidade em saber mais sobre as práticas atuais da autora que vos escreve. É um trabalho para desconstruir a ideia que Arqueologia é coisa do passado e que deve ter centenas ou milhares de anos. Vivemos dentro da Arqueologia, a respiramos, apenas somos alienados demais para senti-la. Nosso mundo globalizado e a correria de nossas vidas não nos permitem desacelerar um pouco e viver isso, pensar sobre isso, experimentar de forma diferente o dia-a-dia. Simplesmente vamos vivendo.

A ideia era desenvolver em cima de algo que vive conosco e de uma forma ou outra, estamos lá. Particularmente acho cemitérios lindos, sejam construções luxuosas ou não. Algo que ele me atrai e por isso decidi escrever sobre a ritualística e prática a partir do primeiro objeto que vemos: a sepultura. Ficou confuso?

Ok! Queria mostrar que com a Arqueologia e áreas afins, podemos reconstruir toda uma cadeia operatória dentro das práticas e rituais funerários, a partir do último objeto que sobrevive ao tempo, que são os cemitérios, mais precisamente os túmulos. Corpos, flores, velas e demais materialidades, com o tempo deixam de existir, com isso o uso materialidade temporária, não mais existe, porém sabemos que existiu. Portanto, a tentativa de trabalhar com esses materiais e também com a memória que faz parte de todo esse processo.

O passo-a-passo da ritualística é católico e os exemplos usados na terceira parte foram da minha cidade natal, São José do Rio Pardo, que segundo dados do último censo do IBGE²² de 2010, a cidade possui 42.202 pessoas católicas e que na época contava com 51.900 habitantes, por isso a escolha de trabalhar de forma mais descritiva e informativa os rituais e a simbologia. Tentei descrever ao máximo, mesmo assim foi difícil encontrar bibliográficas que tratassem sobre isso de forma mais detalhada, a maioria dos trabalhos apenas falam sobre práticas e rituais funerários, mas não falam como são feitos e de que forma.

A maior ousadia foi tentar concluir se tem como ou não a Arqueologia trabalhar com a atualidade e sim, tem. São diversas formas de poder gerar conhecimento, peguei apenas uma delas. Muitos notarão que não falei sobre cremação e foi de forma proposital, não quis abordar para quem sabe fazer algo no futuro.

As informações foram distribuídas de forma objetiva e sem muita enrolação, a forma como penso está escrita neste trabalho juntamente com as bibliografias utilizadas. É muita coisa que podemos abordar, sejam túmulos enquanto análise das estátuas, a questão de mercado porque o trabalho funerário hoje tem uma demanda bem maior enquanto tipos de urnas, planos de enterro e de velório e com isso o afastamento do indivíduo ao lidar com a morte de forma mais afastada, o leque é imenso, peguei apenas uma parte e escrevi sobre.

A partir do momento que lidamos com cultura material de pessoas, devemos abrir a mente e explorar todos os leques possíveis, pois não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário, mas tentamos ao máximo trazer algo diferente para partilhar.

O meu próprio trabalho ajudou-me a interpretar as coisas de uma forma diferente, a lidar melhor com outras questões e principalmente aprendi muito, mesmo sendo católica, não sabia o porquê e para que

²²<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-do-rio-pardo/panorama> acessado em 26.08.2018

serviam os objetos utilizados e os tipos de rituais que são envolvidos. E sim, quando lidamos com questões sobre a morte, é difícil de lidar.

Chegamos ao final dessa história e a ideia era mostrar que a Arqueologia está presente e vive em tudo à nossa volta, vivemos em um sítio arqueológico imenso de pessoas que os objetos fizeram parte e fazem parte do nosso dia-a-dia. Desde o surgimento do ser humano com a confecção da pedra lascada até os dias atuais com explorações intergalácticas, em nenhum momento de nossa história deixamos de criar cultura material. A todo momento algo é descartado e algo é construído. Somos consumistas e materialistas, até demais se formos ver bem. Aí jaz o grande desafio no poder interpretativo dos dados coletados que o Arqueólogo deve desenvolver, afinal, são muitos objetos com uma imensa quantidade de significados e funções. Deixa qualquer um maluco.

Referências Bibliográficas

ALFONSO, L. P. A.; ARAÚJO, J. M. A morte, o morrer e o papel social da arqueologia na sociedade contemporânea. In: OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A (Org.). **As experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 86-104.

Arqueologia: uma atividade muito divertida. Realização Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Freire. Concepção: Pedro Paulo Funari; Vera Toledo; Glória Tega. Texto: Raquel dos Santos Funari. Campinas, Caluh, 2018.

ARAÚJO, R. B. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 10, n.2, jul./dez. 2012, p. 341-353.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 99-104, 1 fev. 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Pe. José Raimundo Vidigal. 21ª impressão: Aparecida, 2018. Gn 2:1-3, p. 17.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Pe. José Raimundo Vidigal. 21ª impressão: Aparecida, 2018. Mt 5:14-16, p. 1462.

BLUME, S. Fotografia mortuária: imagens da boa morte. Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. V, n. 15, jan, 2013.

BORGES, D. R. **Registros de memória em imagens: usos e funções da fotografia em contexto familiar na cidade de Bela Vista de Goiás (1920-1960)**. Dissertação (Mestre em Cultura Visual). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BORGES, D. A fotografia mortuária no contexto familiar: estudo de retratos produzidos em Bela Vista de Goiás (1920-1960). **Revista Domínios da Imagem**, Londrina, vol. 7, n. 13, jul/dez, 2013.

COSTA, D. M. Arqueologias históricas: um panorama espacial e temporal. **Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2010.

DEL GUERRA, J. R. No ventre da terra mãe. São José do Rio Pardo: Graf-Center, 2001.

DIAS, J. A.; Almeida, R. C. N.; Oliveira, R. C. S. Até o tumulo: representação dos ritos fúnebres em sociedades modernas. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 06, 2008, Porto Seguro, Bahia. Anais eletrônicos. Disponível em:

http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2013/rafaela%20almeida.pdf . Acesso em 10 de jul. 2018.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**. São Paulo, v. 4, n. 34, 2014, p. 940-954.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. 9ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

LANFRANCO, L. P.; PETRONILHO, C.; EGGERS, S. **Descobrimos a arqueologia: O que os mortos podem nos contar sobre a vida?** 1ª edição: São Paulo: Cortez, 2014.

LIMA, T. A. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.2, jan/dez, 1994. p.87-150.

MAIA, F. F. **A única certeza que se tem na vida é a morte. Identificação de perfil osteobiológico humano**. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal de Rondônia, 2014.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 4ª edição: Recife: Ed. Universitária UFPE, 2005.

MARTINS, E. **Análise dos processos de decomposição e sucessão ecológica em carcaças de suíno (sus scrofa l.) mortos por disparo de arma de fogo e overdose de cocaína e protocolo de procedimento diante de corpo de delito**. Dissertação (Mestre em Biologia). Universidade Estadual de São Paulo. Botucatu, 2009.

MENEZES, R.; GOMES, E. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, 16 ago. 2012.

MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 71, out. 2009, p. 77-93.

MOTTA, A. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, jan./jun. 2010, p. 55-80.

OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A. O Ridículo de um funeral: a simbologia da morte na sátira *Apocolocyntosis* de Sêneca. In: OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A (Org.). **As experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 53-78.

PACHECO, A. **Cemitérios e meio ambiente**. Dissertação (Livre Docência em Geologia Ambiental). Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PELLINI, J. R. Arqueologia com sentidos. Uma introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v.9, n. 4[14], 2015. p. 1-12.

PEREIRA, J. C. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Revista Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, set. 2013, p. 2699-2709.

PY-DANIEL, A. R. Como os contextos funerários nos ajudam a entender os vivos na Amazônia Pré-Colombiana. In: Rostain, Stéphen (Editor) **Antes de Orellana**. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueologia Amazônica. Quito: EIAA, maio, 2014, p.158-166.

RIBEIRO, L. B. **Limpando ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007.

SAFRA, G. Prefácio. In: FUKUMITSU, K. O. (Org). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018.

SANTOS, M. B. **Práticas mortuárias entre os povos indígenas no pantanal Mato-Grossense: Arqueologia, Etno-história e Etnologia**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

SILVA, G. V. Política, ideologia e arte poética em Roma: Horácio e a criação do principado. **Revista Politeia História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v.1 n.1, 2001, p. 29-51.

SILVA, J. A. **O corpo e dos adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SILVA, M. V. P. S. **Arqueologia e fotografia: Balanço e perspectivas**. Monografia (Graduação em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

SILVA, S. F. S. M.; **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, 2005.

SOUZA, C. D. de. **As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII A.c**. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, 2010.

SOUZA, C. P. A morte interdita: o discurso da morte na História e no documentário. **Doc on-line-line**, n.07, dezembro 2009. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/07/dossier_christiane_souza.pdf . Acessado em 09 de jul. 2018.

SOUZA, M.; BOTELHO, R. A. MÉTODOS ARTIFICIAIS DE TANATOCONSERVAÇÃO. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 4, n. 1-2, nov. 1999, p. 33-47.

SOUZA, R. L.; SANTOS, N. R. Z. As atividades funerárias e o meio ambiente: estudo de caso em São Gabriel, RS. **Anais Vol. 6** – VI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Porto Alegre, nov. 2015. Disponível em: <http://www.ibeas.org.br/congresso/congresso6.htm> . Acessado em: 22 de jul. 2018.

TAMADA, J.; DALANEZE, A.; BONINI, L.; MELO, T. Relatos de médicos sobre a experiência do processo de morrer e a morte de seus pacientes. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 96, n. 2, p. 81-87, 9 jun. 2017.

Links utilizados

http://fotografia.ims.com.br/IMS/dynamiclink.aspx?query=ChichicoAlkmim&encoding=utf-8#1528396434175_16 acessado em 07/06/2018

<https://www.youtube.com/watch?v=5mejhMHg10M> acessado em 06/08/2018

<https://www.youtube.com/watch?v=U5eWnr43uZk> acessado em 01/06/2018

http://fotografia.ims.com.br/IMS/dynamiclink.aspx?query=ChichicoAlkmim&encoding=utf-8#1528727267863_2 acessado em 11.06.2018

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-do-rio-pardo/panorama> acessado em 26.08.2018

www.dicio.com.br; www.michaelis.uol.com.br; www.aulete.com.br acessado em 10.06.2018

<https://www.dicio.com.br/inumacao/> acessado em 13.06.2018

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religioa_deficiencia.pdf p.91. acessado em 20.08.2018

<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/para-igreja-velas-tem-um-significado-muito-importante/> acessado em 20.08.2018.

<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/a-forca-da-cruz/> acessado em 20.08.2018.

<https://www.cerejeiras.com.br/blog/o-significado-de-cada-tipo-de-flor-em-uma-coroa-de-flores>; <https://gruposaojudastadeu.com.br/flores-no-velorio-voce-conhece-o-significado/>;

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/flor/>;

<https://www.arquiteturadasflores.com.br/significado.php> acessado em 20.08.2018.

http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf acessado em 21.08.2018.

<http://www.liturgia.pt/rituais/Exequias.pdf> acessado em 21.08.2018.

<https://www.dicio.com.br/patronimico/> acessado em 25.08.2018.